

Complexo Cultural De Educação Artística da Parangaba

Uma casa, um pátio, um chamado:

*Na Parangaba, o tempo não se apaga — se revela.
Entre vestígios e luz, a memória ganha corpo,
e a criação aprende a caminhar junto.*





UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

**COMPLEXO CULTURAL DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DA
PARANGABA.**

ARTE, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA

EDUARDO RUBENS LIMA
SOB ORIENTAÇÃO DE RICARDO ALEXANDRE PAIVA

FORTALEZA
2026

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. ARQ. RICARDO ALEXANDRE PAIVA
PROFESSOR ORIENTADOR - IAUD | UFC

PROF. DR. ARQ. ROMEU DUARTE JÚNIOR
PROFESSOR CONVIDADO - MEMBRO INTERNO - IAUD | UFC

DR. ARQ. GÉRSICA VASCONCELOS GOES
ARQUITETA CONVIDADO - MEMBRO EXTERNO

A minha mãe, que trabalhou muito para eu pudesse dedicar meu tempo aos estudos, ingressando em uma universidade federal e me graduando. Obrigado Mãe, você é minha maior referência na vida.

Ao meu Orientador, professor Ricardo Paiva, que comprou minha ideia e me guiou no desenvolvimento desse trabalho, me motivando e agregando com seu conhecimento, para o melhor desse trabalho final.

Aos meus amigos de turma Arthur, Bianca, Marnielly, Camile, Leticia, Bia, Sabrina, Darliane e Isaac que compartilharam esse percurso comigo, passar por tudo isso sem vocês não teria graça alguma.

A minha família que foi rede de apoio durante toda minha trajetória de estudos, me apoiando e acreditando em mim.

Aos meus amigos de longa data Isaac e Bianca, que acompanharam comigo esse trajeto, me escutando e apoiando quantas vezes fosse necessário, me ajudando a continuar.

A todos os meus Professores do departamento que me ensinaram o que era Arquitetura, me fazendo descobrir para então aprender a amar esse universo, o que me motiva a ir cada vez mais longe.

Aos meus colegas de trabalho, que por vezes foram me ajudar com dúvidas e sugestões, aprendi muito com todos eles.

Ao Marcelo Capasso que gentilmente me disponibilizou o levantamento da chácara facilitando a coleta dos dados e tornando possível o desenvolvimento do trabalho.

E a todos que compartilharam esse trajeto comigo, vocês me fortalecem e crescem juntos, nessa fase e em várias outras que virão. Obrigado.

Agradecimentos.

SUMÁRIO

01

INTRODUÇÃO

- 1.1 Apresentação.
- 1.2 Justificativas.
- 1.3 Objetivo geral.
- 1.4 Objetivo específico.
- 1.5 Metodologia.

02

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

- 2.1 Sobre a cultura.
- 2.2 Educação Emancipadora e o papel formativo dos espaços urbano.
- 2.3 Arte-Educação.
- 2.4 Cartas patrimoniais e ética do intervir.

03

SOBRE A ÁREA DE INTERVENÇÃO

- 3.1 Histórico - onde todos os caminhos se cruzam.
- 3.2 Desenvolvimento do bairro.
- 3.3 Relevância urbana: articulação vital na dinâmica da cidade.
- 3.4 Centralidade dissociada da centralidade cultural.
- 3.5 Aproximação do objeto: A chácara.

04

PREEXISTÊNCIA E PROJETO: A CHÁCARA COMO PATRIMÔNIO EM PROJETO

- 4.1 A Chácara preexistente.
- 4.2 Base documental para preservação e restauro.
- 4.3 Temporalidade e referências para intervenção no patrimônio.
- 4.4 Projeto e patrimônio: métodos de intervenção

05

REFERÊNCIAS PROJETUAIS

- 3.1 Museu Rodin - Bahia.
- 3.2 REDE CUCA.
- 3.3. Estação da Cultura Presidente Itamar Franco.

06

APROXIMAÇÃO - ÁREA DE INTERVENÇÃO

- 6.1 Entorno
- 6.2 Mapa de usos.

07

O PROJETO

- 7.1 Conceito.
- 4.2 Diretrizes.
- 4.3 Desenho institucional.
- 4.4 Sistema Estrutural.
- 4.5 Aspectos urbanos e índices urbanísticos.
- 4.6 Setorização.
- 4.7 Programa.
- 4.8 Implantação.
- 4.9 Planta Térreo.
- 4.9 Planta Subsolo.
- 4.10 Planta 1º Pav.
- 4.11 Fachadas
- 4.4 cortes
- 4.5 Planta de Coberta
- 4.6 Det. Coberta
- 4.6 Det. brise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

LISTA DE FIGURAS

BIBLIOGRAFIA

01

Este capítulo explica de onde surgiu a ideia do trabalho e por que a Parangaba foi escolhida como recorte. A proposta nasce da vontade de ampliar o acesso à cultura e à formação artística no bairro, e se completa ao reconhecer a presença da Chácara — uma casa antiga inserida em mangueiral — como parte do conjunto. Por isso, o TCC articula um Complexo Educativo com uma Chácara-Parque, integrando a casa restaurada como Núcleo de Memória e Exposição.

INTRODUÇÃO

01. Introdução

1.1 APRESENTAÇÃO TEMA

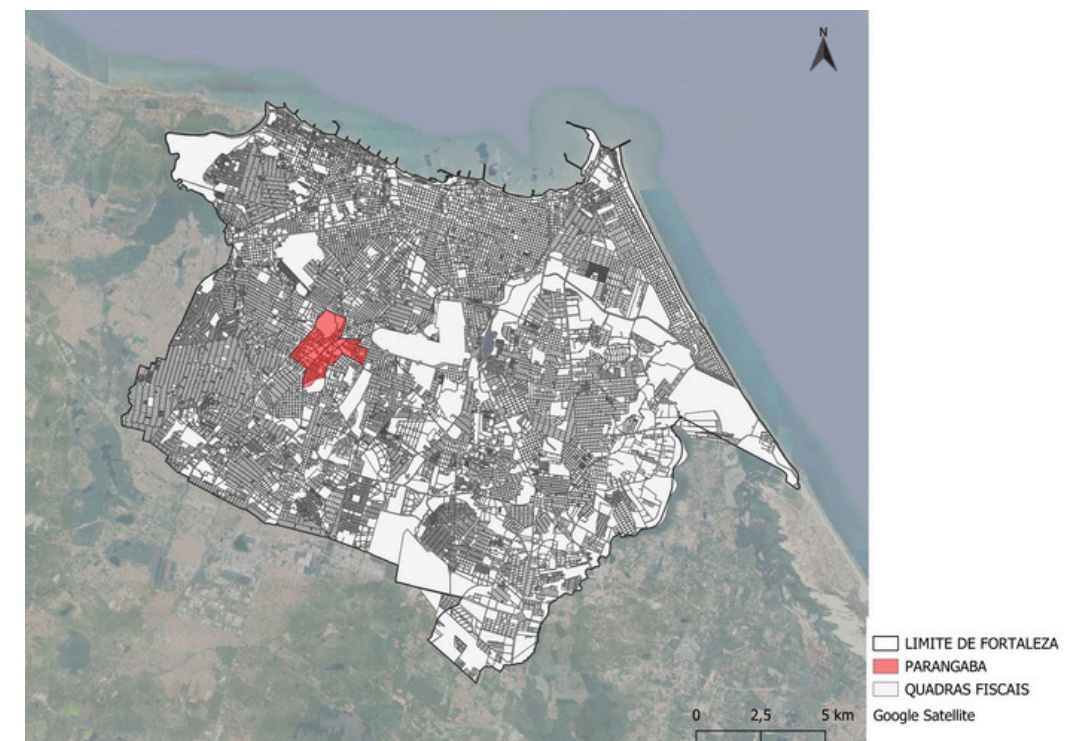
O tema “Centro Cultural de Educação Artística da Parangaba” surgiu por um interesse pessoal. As diversas manifestações de arte sempre me encantaram, principalmente a dança, a moda e as artes plásticas. Percebo que tive maior contato com esse universo na no início de minha fase adulta, quando tive maior liberdade para vivenciar a cidade. Revisitando minha infância, tentei me lembrar de memórias em que eu tive contato com arte, e para além da escola, nenhuma delas foram no meu bairro.

Muito por que foi uma infância marcada por uma realidade de vulnerabilidade social em que o acesso a equipamentos culturais era dificultada em razão da sua inexistência na periferia da cidade, e pela distância dos existentes em áreas centrais da cidade.

Nesse contexto, surgiu a ideia de conceber um equipamento cultural público no bairro onde cresci, a Parangaba, na zona sudeste de Fortaleza. Mas não só atender a uma inquietação pessoal: o projeto busca responder a uma demanda coletiva. Procurei entender a relevância do tema para a comunidade, quais impactos poderiam ser gerados e de que forma o acesso facilitado à cultura pode criar possibilidades na vida das pessoas.

Ao longo do desenvolvimento do TCC, tornou-se claro que o bairro tinha outras vulnerabilidades, como poucos espaços de permanência qualificados e a perda da memória arquitetônica em função do desenvolvimento. pesquisa do local ideal para implantação do edifício, havia um terreno com uma chácara remanescente dentro de um mangueiral, esse dado reposicionou o projeto. Assim, a proposta articula um complexo cultural educativo e uma Chácara-Parque, onde a casa será restaurada e reabilitada como Núcleo de Memória e Exposição, conectada a um trajeto público que costura paisagem e usos culturais.

Fig. 1 - Mapa de localização da Parangaba



fonte: elaborado pelo autor.

1.2. JUSTIFICATIVA 1.1 APRESENTAÇÃO TEMA

Partindo da premissa da carência de equipamentos de cultura e lazer no bairro Parangaba, procurei diagnosticar a distribuição desses equipamentos na cidade de Fortaleza, e dessa forma, evidenciar a necessidade na área. Entendo que ausência desses equipamentos é consequência direta de uma política cultural que centraliza os equipamentos de cultura e educação artística e leva esses dispositivos para áreas de grande valorização imobiliária.

Historicamente, os principais centros culturais e de arte de Fortaleza se concentram em regiões como Centro, Praia de Iracema e Aldeota, bairros de maior valorização imobiliária e visibilidade turística. Mesmo iniciativas públicas voltadas à descentralização, como Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA), acabam sendo pontuais e insuficientes diante da amplitude da cidade e da diversidade de seus territórios. A Parangaba, apesar de sua relevância histórica como um dos núcleos urbanos mais antigos e articulados da cidade, marcada pela relação com lagoa, transporte ferroviário e antigos mercados, permanece à margem de políticas culturais estruturadas.

Além disso, a presença da Chácara no recorte de intervenção qualifica a proposta: o complexo educativo se articula a um bem existente, com valor histórico e paisagístico. Com isso, a justificativa do projeto se amplia em dois eixos complementares:

1. urbano-cultural, por ampliar o acesso à educação artística e ao lazer;
2. patrimonial e ambiental, por propor a salvaguarda e reativação de uma preexistência e de um ecossistema urbano, devolvendo-os ao uso público como bem coletivo.

Investir em democratização cultural não significa induzir a totalidade da população a fazer determinadas escolhas, mas oferecer condições de acesso e possibilidade real de fruição e formação. Prover essa região de equipamentos que possibilitem acesso à arte, cultura e lazer representa uma medida concreta de democratização, fortalecendo a comunidade, ampliando repertórios e criando novas oportunidades de transformação socioespacial.

Hoje, parece claro que investir na democratização cultural não é induzir a totalidade da população a fazer determinadas coisas, mas sim oferecer a todos a possibilidade de escolher entre gostar ou não de algumas delas, colocando os meios à disposição, combatendo o não acesso, no caso da produção menos vendável (BOTELHO; FIORE, 2005, p. 3-4).

1.3. OBJETIVO GERAL

Desenvolver um projeto arquitetônico de um Complexo Cultural de Educação Artística público no bairro da Parangaba, em Fortaleza/CE, voltado à formação em teatro, música, dança, artes visuais e audiovisual, promovendo acesso à cultura, fortalecimento comunitário e requalificação urbana, integrado à uma Chácara-Parque, com um projeto de preservação e restauração da casa histórica como Núcleo de Memória e Exposição, compondo um conjunto único

1.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir o papel da cultura e da arte-educação como instrumentos de fortalecimento comunitário e ampliação de repertório crítico e criativo.
- Mapear e analisar a distribuição dos equipamentos culturais em Fortaleza, identificando padrões de centralização e oportunidades de descentralização.
- Estudar referências arquitetônicas de centros culturais e educacionais com tipologia semelhante, analisando soluções espaciais, inserções urbanas, apropriação comunitária e flexibilidade de usos.
- Investigar diretrizes e princípios de intervenção em edificações com valor histórico, considerando conceitos de preservação, restauro, reabilitação e uso contemporâneo.
- Definir o papel da casa histórica no conjunto, estruturando diretrizes de preservação/restauro e reuso como Núcleo de Memória e Exposição, vinculado à educação artística e patrimonial.

1.5. METODOLOGIA

A pesquisa foi estruturada em quatro etapas, articulando fundamentos teóricos, análise territorial, referências projetuais e desenvolvimento do partido. A concepção da proposta parte do entendimento de que a arquitetura é um meio de ensino, pois os espaços educam e cultura como direito e ferramenta de transformação social, reconhecendo seu papel na formação intelectual e na ampliação do repertório crítico e criativo dos indivíduos.

- Discussão e diretrizes conceituais sobre cultura e arte-educação. Com base em fundamentos teóricos sobre o papel da arte no ensino e na formação social, são definidas diretrizes que orientam a concepção do equipamento como instrumento de cidadania e democratização cultural.
- Mapeamento e análise da distribuição de equipamentos culturais em Fortaleza. Levantamento de dados espaciais sobre equipamentos culturais e leitura de padrões de centralização, identificando lacunas e potenciais de reequilíbrio territorial.
- Estudo de referências arquitetônicas e urbanas. Análise de centros culturais/educacionais e de casos de reabilitação cultural com preexistências, observando aspectos como apropriação comunitária, flexibilidade programática, integração com espaço público, e estratégias de preservação e restauro.
- Leitura da preexistência e base documental para intervenção patrimonial. Sistematização do entendimento da Chácara e da casa histórica a partir de base documental e diagnósticos existentes, definindo valores e critérios de intervenção (preservação, restauro e reuso), sem necessariamente refazer integralmente levantamentos já consolidados em estudos anteriores.
- Desenvolvimento do partido arquitetônico e urbano. Definição do conjunto como sistema integrado — Complexo cultural educativo + núcleo de memória/exposição — priorizando o uso público, a integração com o território, a valorização da preexistência e a promoção do encontro e da difusão cultural como elementos estruturantes do projeto.

02

Este capítulo consolida o referencial teórico que embasa a pesquisa e orienta o partido arquitetônico. A discussão inicia com o conceito de cultura e seus desdobramentos sociais, simbólicos e territoriais. Em seguida, aborda-se a educação emancipadora e o papel formativo dos espaços urbanos, considerando a arquitetura como mediadora de experiências e relações sociais. A arte-educação é apresentada como estratégia de desenvolvimento crítico, sensível e coletivo, especialmente em contextos de desigualdade. Por fim, a análise da distribuição dos equipamentos culturais em Fortaleza evidencia padrões de centralização e vulnerabilidade territorial, reforçando a pertinência do recorte de intervenção na Parangaba.

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

02. REFERÊNCIAS TEÓRICAS

2.1 SOBRE A CULTURA.

“Cultura... é o complexo no qual estão incluídos conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.”

(TYLOR, 1871, p.1)

A cultura, a arte e a educação constituem dimensões inseparáveis da experiência humana e juntas estruturam a forma como compreendemos a si mesmos, nos relacionamos com o outro e nos situamos no mundo. Quando atravessamos o espaço construído, o cotidiano das ruas, a materialidade do patrimônio ou a arquitetura que abriga práticas coletivas, essas dimensões tornam-se também mediadoras de pertencimento, identidade e transformação social.

Assim, pensar cultura é pensar também as formas de ensinar e aprender, as linguagens que produzimos e os espaços que nos formam; é reconhecer que a arquitetura, longe de ser um simples suporte físico, participa da construção de imaginários, de sensibilidades e de modos de existir. É nesse encontro entre cultura, arte, educação e arquitetura que este capítulo se desenvolve.

A cultura representa o conjunto das manifestações humanas que moldam a vida em sociedade, isso vai desde práticas cotidianas até sistemas de valores, crenças e saberes.

É por meio dessas expressões que os grupos constroem suas identidades, revelando diferentes formas de viver e interpretar o mundo. O sociólogo britânico Stuart Hall, em seu livro, A identidade cultural na pós-modernidade, define que “cultura é um conjunto de práticas e representações, de linguagens e símbolos que produzem significados sobre o mundo e nossas experiências” (2003, p. 3). Isso reforça que a cultura estrutura a forma como os indivíduos e grupos atribuem sentido às suas existências e, desse jeito, constroem o território em que vivem.



Fig. 2

Fig. 3

Tradicional feira da Parangaba que acontece aos domingos nas margens da lagoa.
fonte: Jornal O Povo: <https://mais.opovo.com.br/reportagens-especiais/feiras-de-fortaleza/2024/04/18/fortaleza-das-feiras-de-manga-a-motosserra-feira-da-parangaba-mudou-de-lugar-mas-persiste.html>

“A cultura não é algo que se consome passivamente, mas um processo vivo que se faz com, ao lado de, por dentro, desde a raiz – um processo que só tem sujeitos e que forma sujeitos” (RAMOS, 2007, p. 6).

É dessa forma, um reflexo da sociedade, e um instrumento ativo na formação intelectual, social e emocional dos indivíduos. O acesso a ela e às múltiplas linguagens artísticas amplia horizontes, estimula o pensamento crítico e a partir desses novos olhos pro mundo que se desenvolve o potencial criativo, sobretudo entre crianças e jovens em contextos de vulnerabilidade social. Além disso, é uma das formas mais potentes de expressão das periferias, que historicamente constroem seus próprios territórios simbólicos e linguagens por meio da oralidade, dos saberes populares que passam de mãe para filho, tia pra sobrinhos, avô para o neto e se perpetuam no imaginário.

Quando penso em arquitetura para a cultura, enxergo ela como suporte físico, um local de produção e troca de uso públicos. “Um centro cultural, mais do que um espaço de consumo de cultura, é um território de produção, discussão, informação e criação”, Milanesi (1997, p. 23). Esses espaços precisam estar diretamente conectados com a dinâmica da vida social, sendo permeáveis e convidativos. Essa é uma das diretrizes que elenco a partir dessa discussão, que norteará a concepção do projeto.

Considero importante salientar também que arquitetura cultural não é neutra, ela pode tanto reforçar processos de segregação e exclusão, quando ausente ou quando voltada apenas às elites. Quanto ser uma ferramenta de inclusão, cidadania e transformação social, quando projetada para acolher, integrar e fortalecer os laços comunitários. Essa perspectiva será mais adiante desenvolvida e fundamentada em teses de pesquisadores que estudam arquitetura para educação.



Fig. 4

Fig. 5

CUCA Jose Walter e CUCA Mondubim - eventos infantis e aulas de fotografia.
fonte: Instagram oficial da rede cuca: <https://www.instagram.com/redeucaoficial/?hl=pt-br>

2.2 ARQUITETURA E EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO EMANCIPADORA E O PAPEL FORMATIVO DOS ESPAÇOS URBANO

A discussão sobre educação emancipadora e o papel formativo dos espaços urbanos têm ganhado relevância no campo da arquitetura e é complementar ao que esse projeto final de graduação propõe, especialmente em contextos marcados por desigualdades territoriais. Pensar o espaço construído como agente pedagógico implica reconhecer que arquiteturas, cidades e edifícios não apenas abrigam a vida social: eles produzem modos de ver, sentir e habitar o mundo, influenciando diretamente as possibilidades de autonomia, crítica e pertencimento. Entre os autores que aprofundam essa perspectiva, destaca-se o educador, artista e pesquisador espanhol Jorge Raedó, fundador do projeto Osa Menor – Educación de Arte para Infancia y Juventud. Raedó desenvolve metodologias que aproximam crianças e jovens da experiência arquitetônica como prática de imaginação, leitura de mundo e exercício de cidadania. Suas pesquisas criticam o mito da neutralidade espacial, defendendo que todo ambiente educa, molda comportamentos, expressa relações de poder e pode operar como instrumento de emancipação social

Raedó (2023) denuncia a precariedade das cidades latino-americanas, afirmando:

“Observamos a niñas y niños caminando en las calles, jugando en los parques, conviviendo con sus amigos... o eso nos gustaría ver. La infancia y la juventud crecen en espacios creados por sus mayores. Todo el entorno construido es artificial, no existía. ¿Nuestras ciudades están diseñadas para todos los ciudadanos?” (RAEDÓ, 2023, p. 6).

Essa crítica revela que o espaço urbano educa contra: ensina medo, insegurança, segregação e vigilância constante, esse mesmo pensamento é compartilhado pelo professor Caetano Aragão, que escreveu um livro chamado “Arquitetura do medo em fortaleza, exemplificando padrões que tornam a rua um ambiente hostil. O espaço público, que deveria ser ambiente de convívio, torna-se um território hostil para corpos vulneráveis. Para Raedó, essa situação não é casual, mas consequência direta de modelos urbanos que priorizam eficiência, circulação de veículos, consumo e vigilância, em detrimento da vida sensível, lúdica e comunitária.

Essa noção desloca o debate da arquitetura meramente técnica para a arquitetura como prática ética, política e educativa. Tudo aquilo que o espaço organiza — fluxos, limites, acessos, sombras, permanências, interações, educa. Educa para o encontro ou para o isolamento; para a autonomia ou para o controle; para o pertencimento ou para a exclusão. Nessa perspectiva, os espaços que herdamos e produzimos ao longo do tempo, nossas arquiteturas cotidianas e também aquelas carregadas de memória, passam a desempenhar um papel central na formação das subjetividades e das relações sociais.

É justamente nesse ponto que o tema do patrimônio emerge de forma inevitável. Se o espaço ensina, os espaços históricos ensinam ainda mais, porque condensam camadas de tempo, narrativas que moldam a vida coletiva. A América Latina, porém, foi marcada por apagamentos, substituições e negligências sistemáticas de sua memória material. Assim, discutir emancipação sem considerar a maneira como lidamos com nosso patrimônio seria insuficiente. Restaurar, portanto, não é apenas preservar um objeto histórico, mas recuperar uma possibilidade de futuro, não futuro como modernização descolada do passado, mas como continuidade crítica e transformadora da experiência coletiva.

Aplicar a teoria de Raedó ao projeto significa reconhecer o patrimônio como um dispositivo pedagógico capaz de ensinar por sua presença, sua materialidade e pelas narrativas que convoca. No contexto da antiga chácara da Parangaba, isso implica transformá-lo em um espaço ativo de aprendizagem, onde crianças, jovens e adultos possam experienciar o território, reconstruir vínculos com sua história e produzir novos sentidos coletivos. Assim, o restauro deixa de assumir um caráter nostálgico e passa a operar como estratégia de emancipação cultural, transformando a arquitetura em mediadora de processos participativos.

Ao ampliar a compreensão do espaço como agente formador, torna-se necessário considerar outras linguagens igualmente fundamentais nesse processo, entre elas, a arte, cuja capacidade de provocar questionamento, estranhamento e reflexão ocupa papel central na formação crítica e sensível dos sujeitos. É nesse contexto que se insere a discussão sobre arte-educação desenvolvida no capítulo a seguir.

2.3 ARTE-EDUCAÇÃO

Para a arte-educadora e drag queen Rita Von Hunty, “a arte é aquilo que estranha, que causa incômodo e, ao mesmo tempo, produz novas possibilidades de pensar o mundo” (HUNTY, 2022).

Desprendo dessa fala que arte se configura como uma linguagem que rompe com o senso comum, provoca o estranhamento diante do que se apresenta como natural e, por meio dessa ruptura, instiga o ser humano a questionar, reinterpretar e ressignificar a realidade à sua volta.

No campo educacional, a arte não deve ser compreendida como um complemento ou uma atividade meramente recreativa. Ela é uma linguagem essencial na construção do conhecimento, capaz de integrar razão, emoção, percepção e sensibilidade. Ao criar, interpretar e expressar-se artisticamente, o sujeito desenvolve não apenas competências cognitivas, mas também emocionais, críticas e sociais — fundamentais para a formação de cidadãos conscientes, criativos e atuantes.



Fig. 6
Releitura da obra de Tarsila do Amaral (1924) MAUC/USP, pelo aluno Eduardo (11 anos) fonte: “Arte-Educação no Brasil Realidade hoje e expectativas futuras.” Ana Mae Barbosa.

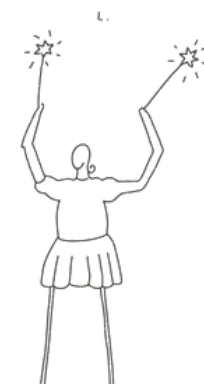
Esse entendimento é defendido pela educadora Ana Mae Barbosa, referência na arte-educação brasileira, que desenvolveu a Abordagem Triangular, método que articula três pilares fundamentais: apreciação, contextualização e produção artística. Para ela, ensinar arte não é apenas ensinar a fazer, mas também a compreender e contextualizar, promovendo uma educação estética, cultural e cidadã. Segundo ela, “a arte educa para a liberdade, para a percepção crítica e para o exercício pleno da cidadania”. A mesma visão é compartilhada por Paulo Freire na relação educação e emancipação.

Autores como Viktor Lowenfeld (1947) e Victor D’Amico (1960) reforçam que a prática artística, desde a infância, desenvolve processos cognitivos, emocionais e sociais, estimulando autonomia, criatividade, sensibilidade e a construção de identidades. Como destaca D’Amico, “o ensino da arte não é ensinar a fazer arte, mas ajudar o aluno a descobrir sua própria maneira de ver e expressar” (D’AMICO, 1960, p. 15).

A arte-educação é também uma estratégia de desenvolvimento social, especialmente nas periferias urbanas, onde a falta de acesso a bens culturais historicamente limitou as possibilidades de expressão, representação e construção de narrativas próprias. A cultura, enquanto expressão das periferias, se manifesta de forma potente através das linguagens visuais, da música, da dança, do grafite, das práticas coletivas e dos saberes ancestrais, que muitas vezes constroem à margem dos circuitos culturais formais. Os equipamentos culturais não podem ser vistos como espaços neutros ou meramente edificações destinadas a abrigar atividades. Eles são infraestruturas simbólicas e sociais, que materializam o direito à cidade, à cultura e à educação.

Mais do que espaços de consumo cultural, esses polos de cultura e educação são agentes ativos na formação de sujeitos, na valorização das expressões locais e na articulação de práticas que fortalecem a coletividade. Funcionam como plataformas de resistência, preservação da memória coletiva e reinvenção do cotidiano — especialmente nos territórios periféricos, onde o acesso à cultura, historicamente negado, torna-se ferramenta concreta de emancipação social.

O professor Ricardo Paiva preconiza no projeto de extensão educativa (educação, cultura e arte em arquitetura) a ideia de uma “arquitetura-educação”, que consiste em (re)significar o papel da arquitetura como expressões artísticas e culturais em um perspectiva pedagógica inserida em um cenário de desigualdade, fragmentação e exclusão social verificados na metrópole cearense.

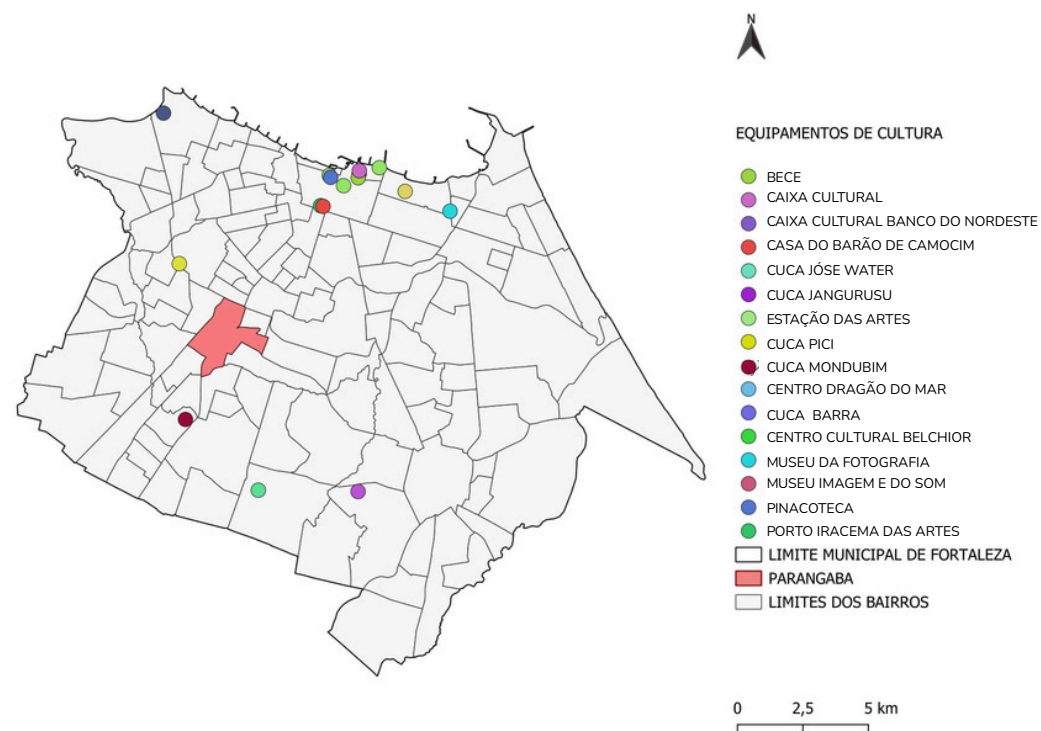


2.4 DISTRIBUIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS CULTURAIS NA CIDADE

Partindo da ausência de equipamentos culturais e de lazer no bairro Parangaba, este mapeamento buscou diagnosticar a distribuição desses equipamentos na cidade de Fortaleza. O levantamento revelou não apenas a ausência desses espaços no bairro, mas também uma dinâmica histórica e estrutural que privilegia determinadas áreas da cidade em detrimento de outras. Isso é consequência direta de uma política cultural que, ao longo dos anos, centraliza os equipamentos de cultura e educação nas regiões de maior valorização imobiliária e visibilidade turística, deixando periferias e bairros de outras centralidades à margem dos itinerários culturais da cidade.

Historicamente, os principais centros de cultura e arte de Fortaleza, como o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, o Teatro José de Alencar, o Teatro São José, o Porto Dragão e a Vila das Artes, MIS, Museu da Fotografia, estão concentrados em bairros como o Centro, Praia de Iracema, Aldeota e Meireles. Esse padrão evidencia não apenas uma lógica de valorização econômica desses territórios, mas também uma construção simbólica que associa o acesso à cultura a esses espaços centrais, em detrimento de bairros como a Parangaba, que, mesmo com sua relevância histórica e urbanística, permanece invisível nas políticas culturais estruturadas.

Fig. 7 - Mapa de distribuição de equipamentos culturais



fonte: elaborado pelo autor.

Iniciativas voltadas à descentralização como os Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCAs), são esforços pontuais e embora relevantes, mostram-se insuficientes diante da extensão territorial da cidade e da diversidade dos seus bairros. O mesmo ocorre com o Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), que apesar de se consolidar como uma referência periférica, representa uma exceção isolada frente a um quadro geral de centralização cultural.

Em 2023, Ana Paula Val, gestora da Secretaria de Cultura do Ceará, afirmou: “A cultura tende a ser transportada sempre para as mesmas áreas, deixando as periferias fora do itinerário cultural da cidade”. Na mesma direção, Carlos Duarte, ex-secretário municipal de cultura, declarou em 2021: “Esses equipamentos, ainda que modernos e bem estruturados, não conseguem atender às demandas de territórios mais distantes; não chegam até lá”. Essas declarações deixam claro que mesmo que cientes da situação, as gestões da cidade ainda pecam em democratizar o acesso a

A Parangaba, apesar de sua importância como um dos núcleos urbanos mais antigos de Fortaleza, articulada historicamente ao desenvolvimento da malha ferroviária, dos mercados e da própria configuração urbana da cidade, segue fora do itinerário cultural consolidado. Essa exclusão reforça não apenas um apagamento simbólico, mas também a ausência concreta de políticas públicas que democratizam o acesso à cultura nesse território.

Investir na democratização da cultura, como apontam Botelho e Fiore (2005), não significa induzir toda a população a consumir determinados produtos culturais, mas sim garantir que todos possam ter a liberdade de escolher se querem ou não participar deles, combatendo, sobretudo, a barreira do não acesso.

Fig.8



CUCA do Mondubim

fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/02/plantao-psicossocial-gratuito-atende-jovens-de-fortaleza/>

Fig.9



CCBJ

fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/02/plantao-psicossocial-gratuito-atende-jovens-de-fortaleza/>

03

Este capítulo contextualiza a área de intervenção a partir de três camadas: formação histórica, estrutura urbana e dinâmica contemporânea. Inicialmente, aborda-se a Parangaba como território de circulação e convergência, articulado a infraestruturas que marcaram sua consolidação. Em seguida, analisa-se o desenvolvimento urbano e sua relevância na organização da metrópole, com ênfase no papel do bairro como centralidade de mobilidade, comércio e serviços. Por fim, explicita-se a dissociação entre centralidade urbana e centralidade cultural, evidenciando a lacuna de equipamentos de cultura e educação artística que fundamenta a proposta projetual.

SOBRE A ÁREA DE INTERVENÇÃO

03. SOBRE A ÁREA DE INTERVENÇÃO

3.1 História: Onde todos os caminhos se cruzam

"Todos os caminhos levam à Parangaba." Essa expressão, recorrente no imaginário popular de Fortaleza, sintetiza o papel histórico e urbano que o território desempenhou e ainda desempenha na cidade. A frase presente na fala de moradores, feirantes e comerciantes, carrega a força de um lugar que antes de ser bairro, foi cidade — uma cidade dentro da cidade.

A história da Parangaba antecede a própria fundação de Fortaleza. Como destaca Silva (2013, p. 17), sua origem remonta ao aldeamento indígena Porangaba, palavra de origem tupi que significa “lugar bonito” ou “beleza”. Esse aldeamento foi posteriormente elevado à categoria de vila, sob o nome de Vila Nova de Arronches, em 1759, atendendo a um projeto colonial de reorganização dos territórios ocupados por povos indígenas.

Lopes (2006) reforça que, nesse período, a Parangaba possuía autonomia administrativa, econômica e social, funcionando como núcleo urbano independente da capital por dois períodos distintos: entre 1759 e 1835, e posteriormente de 1885 até 1921, quando foi definitivamente incorporada à malha urbana de Fortaleza.



Fig. 10

Mapa do Siará - 1629, de Albernaz com destaque para aldeia de índios - atual Parangaba.

fonte:
<http://www.fortalezanobre.com.br/2010/08/parangaba-o-mais-antigo-povoado-do.html>

O território cresceu associado às dinâmicas da circulação. A chegada da ferrovia, no século XIX, foi um marco crucial no fortalecimento da Parangaba como eixo articulador.

A estação da Parangaba, que integrava a antiga Estrada de Ferro de Baturité, transformou o bairro em um dos nós mais importantes do sistema ferroviário cearense, conectando Fortaleza ao sertão e aos portos comerciais (LOPES, 2006).

Era aqui que se cruzavam mercadorias, pessoas, histórias e culturas, assim a Parangaba se consolidava como território de circulação, mas também de permanência, de encontros, de trocas e de construção de identidades urbanas e culturais.



Fig. 11

Estrada Fortaleza - Parangaba, 1929. Atual av. João Pessoa - já pavimentada.

fonte:
<http://www.fortalezanobre.com.br/2010/08/parangaba-o-mais-antigo-povoado-do.html>



Fig. 12

Estação de Arronches - Emílio Moitas

fonte:
<http://www.fortalezanobre.com.br/2010/08/parangaba-o-mais-antigo-povoado-do.html>

3.2 DESENVOLVIMENTO DO BAIRRO

O processo de urbanização da Parangaba acompanha, mas também resiste às transformações aceleradas de Fortaleza. A partir das décadas de 1970 e 1980, com a expansão urbana em direção às regiões sudoeste e sul da cidade, o bairro se consolidou como uma centralidade comercial e de serviços (LOPES, 2006).

Mas essa transformação ocorre sem um plano estruturado que valorize a memória e seus espaços de sociabilidade. A paisagem atual revela a priorização do fluxo e do mercado. O cenário é a mistura de tradição e do novo, com a Feira da Parangaba, os mercados, a estação ferroviária antiga, a igreja... que dividem espaço com o avanço da modernização, a presença de shoppings, grandes avenidas e o fluxo intenso de veículos e pessoas com os terminais de ônibus, estação de metrô e VLT. É uma urbanização marcada por tensões, onde o desenvolvimento econômico não foi acompanhado pela valorização dos espaços culturais e de lazer. Como pontua Silva (2013), “a Parangaba se desenvolveu como polo comercial e logístico, mas não como polo cultural”.

Fig. 13 - Shopping Parangaba e entorno.



fonte: <http://www.fortalezanobre.com.br/2010/08/parangaba-o-mais-antigo-povoado-do.html>

3.3 RELEVÂNCIA URBANA: ARTICULAÇÃO VITAL NA DINÂMICA DA CIDADE.

“a função estruturante da Parangaba ultrapassa seus limites territoriais, fazendo dela peça chave na costura urbana da cidade, conectando zonas periféricas ao centro e a outras centralidades emergentes”. (LOPES, 2006)

Como já foi dito anteriormente, a Parangaba é uma peça fundamental no tabuleiro urbano de Fortaleza. Sua localização estratégica e sua configuração como polo de mobilidade, comércio e serviços fazem dela uma centralidade urbana complexa, dinâmica e intrinsecamente conectada a diversos territórios da cidade.

O bairro funciona como ponto de convergência de diferentes zonas e vias de fluxo intenso como Av. Dr. Silas Munguba, Av. Godofredo Marciel e Av. Osório de Paiva, como mostra a fig. 17. Articulando também os bairros que divide fronteira como Montese, Itaoca, Couto Fernandes, Demócrito Rocha, Jóquei Clube, Bom Sucesso, Vila Peri, Maraponga, Itaperi, Serrinha, Aeroporto e vários outros.

Essa articulação é sustentada por uma malha de transporte altamente eficiente no contexto da cidade, formada por dois terminais de ônibus muito próximos — o Terminal Parangaba e o Terminal Lagoa, que operam como “gêmeos urbanos”, o intervalo entre os terminais é tão curto que, na prática os dois operam em um raio de influência comum, ampliando sua capacidade de articulação.

Fig. 14 - Mapa de vias



fonte: elaborado pelo autor.

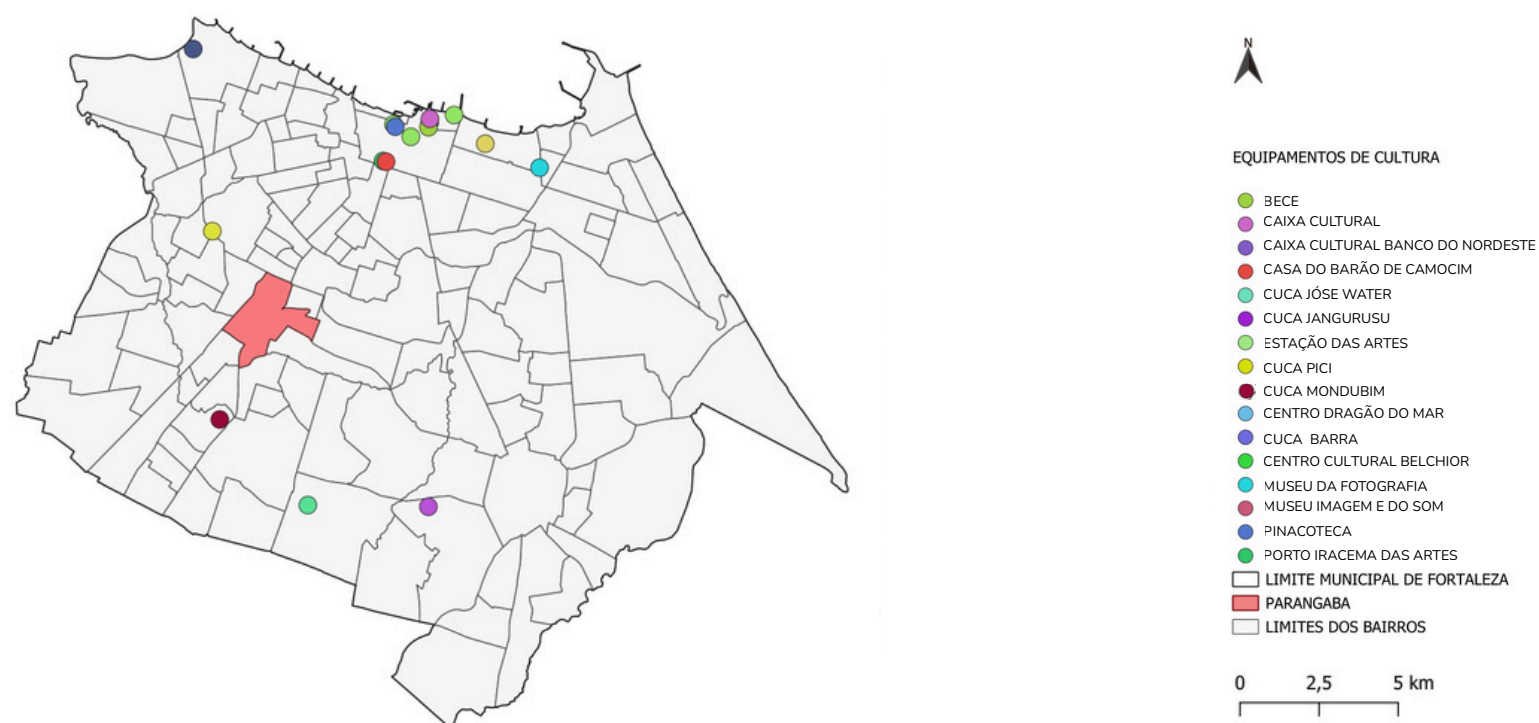
3.4 CENTRALIDADE DISSOCIADA DA CENTRALIDADE CULTURAL

Apesar da importância urbana, econômica e logística, a Parangaba é marcada por uma centralidade econômica dissociada da centralidade cultural. O bairro concentra comércio, transporte e serviços, mas carece de espaços institucionais de produção e fruição cultural.

Não há centros culturais, teatros, museus ou bibliotecas de médio ou grande porte no bairro. As práticas culturais que existem são espontâneas, muitas vezes associadas ao espaço da rua, da feira e às iniciativas comunitárias, sem suporte de políticas públicas ou infraestrutura urbana adequada (SILVA, 2013; LOPES, 2006).

Essa dissociação gerou zonas urbanas que funcionam bem como centros econômicos e logísticos, mas que não tem centros de cultura e arte, dificultando o acesso a equipamentos que são uma demanda pública, que não é priorizada quando voltada para áreas menos valorizadas da cidade. É uma ausência que não é apenas física, mas também simbólica e política. Como dito anteriormente, a arquitetura não é neutra, a sua inexistência em locais como o bairro objeto de estudo deste trabalho, revela um posicionamento do institucional que invisibiliza a demanda popular de classes sociais abastadas e faz manutenção de estruturas políticas datadas. o que me faz pensar que esse fenômeno de dissociação não seja por acaso, e sim o resultado de um planejamento não democrático da cidade.

Fig. 15 - Mapa de distribuição de equipamentos culturais



fonte: elaborado pelo autor.

04

Este capítulo apresenta a caracterização da chácara preexistente, abordando sua tipologia, inserção urbana e valor histórico no bairro da Parangaba. São descritos os procedimentos de levantamento documental, histórico, métrico e fotográfico, bem como o registro das patologias e das demolições necessárias, estabelecendo a base técnica que orienta as decisões projetuais desenvolvidas no trabalho.

**Preexistência e Projeto: a Chácara
como patrimônio em projeto**

4.1 A Chácara preexistente

A Chácara é o objeto físico e preexistente no terreno, que norteia a disposição de fluxos e tomadas do projetuais. Um remanescente raro no bairro Parangaba, sobrevivendo em meio às camadas de transformação urbana do entorno. No TFG de Elayne Cristina Rocha de Oliveira, o sítio é descrito como “casa em um vasto mangueiral remanescente de antiga chácara”, em condição de abandono/subutilização, o que fundamenta a necessidade de recuperação e reativação do lugar.

Para situar o que se entende por “chácara”, entendesse como uma tipologia de propriedade ampla, ligada a um modo de vida entre o campestre e o urbano — um tipo de ocupação historicamente associado a famílias abastadas que buscavam afastamento do centro sem abrir mão de conveniências urbanas. segundo Castro (2004, p. 103

“As chácaras [...] constituíam propriedades de amplas dimensões, espalhadas na periferia das cidades brasileiras da época. Eram procuradas pelas famílias de posses, que desejavam afastar-se do crescente bulício das zonas centrais, a fim de conviver com um cotidiano campestre, entretanto, sem renunciar a certas delícias urbanas.”

No caso estudado, a autora aponta uma datação aproximada (final do século XIX / início do século XX) e descreve características arquitetônicas e espaciais do conjunto edificado, além de registrar que não foi possível obter como data precisa de construção da casa, informação que na pesquisa desenvolvida nesse trabalho, não foi encontrada também.



Fig. 16

Fotografia da Fachada da chácara, na Rua Cônego de Castro

fonte: Registro do levantamento fotográfico realizado por Elayne e Marcelo Capasso.

No histórico de ocupação, documentações e recortes temporais relevantes apontam o casal: João Paulo Holanda e Lucia Nilza Frota de Holanda, teriam sido proprietários de 1954 até cerca de 1996, e, antes deles, aparecem como vendedores Lívio Cavalcante de Arruda e Maria do Rosário Bezerra Arruda.

Assim, quando este trabalho fala em preexistência, não está tratando “apenas do terreno”, mas do que já existe nele e que carrega memória material e paisagística: a casa (com suas permanências e marcas do tempo) e o mangueiral (como patrimônio natural/paisagístico do sítio), compondo um conjunto.

4.2 Base documental para preservação e restauro

A base documental se apoia no levantamento e na leitura já sistematizados no TCC de Elayne Cristina Rocha de Oliveira, que estrutura a investigação com pesquisa bibliográfica, documental, iconográfica e de campo, articulando documentação do sítio e construção de narrativa sobre o lugar.

No campo, o trabalho registra a complexidade de acesso ao imóvel e descreve a execução de levantamento métrico e fotográfico, além de croquis para reconhecimento e registro arquitetônico. Para o componente paisagístico, a leitura se apoia em fotos da visita e em imagens do Google Earth/Street View, incluindo identificação de espécies “no possível”, dado o impedimento de contratação/equipe especializada. Por fim, o levantamento topográfico foi estimado por uma malha no Google Earth, como solução metodológica viável.



Fig. 17

Fotografia da interna da chácara.

fonte: trabalho final de graduação de Elayne Cristina Rocha de Oliveira, em 2022.

4.4 Projeto e patrimônio: métodos de intervenção

A intervenção proposta neste TCC parte do entendimento de que, quando o objeto é uma preexistência patrimonial, o método de intervenção é parte do projeto. Assim, o trabalho assume uma postura coerente com a discussão contemporânea sobre reabilitações culturais: intervenções pontuais, legíveis e reversíveis, com distinção clara entre o que é original e o que é novo.

No campo do restauro, esta pesquisa se ancora em princípios operacionais consolidados — como mínima intervenção, autenticidade, compatibilidade e uso de materiais reversíveis — tomando-os como critérios para orientar “até onde ir” em reparos, reposições e adaptações necessárias. Esses princípios também exigem um compromisso de registro: decisões de restauro precisam ser documentadas, de modo a garantir rastreabilidade técnica e facilitar a leitura e a manutenção futura do bem.

Nesse ponto, esta pesquisa se aproxima de autores que discutem a intervenção contemporânea em preexistências no contexto sul-americano, como Nivaldo Vieira de Andrade Junior, arquiteto e pesquisador, Doutor em Arquitetura e Urbanismo e Professor Adjunto da Faculdade de Arquitetura da UFBA, cuja produção se volta à análise de intervenções recentes em patrimônio edificado na América do Sul. A partir dessa chave, as adaptações espaciais e eventuais acréscimos necessários ao programa são orientados por uma postura que evita mimetismos e assume o novo como camada legível.

Como suporte para a leitura técnica do estado de conservação, reconhece-se a importância do mapa de danos enquanto instrumento metodológico que organiza o diagnóstico e fundamenta decisões de conservação. No entanto, é importante explicitar o recorte deste TCC: não é o objetivo aqui refazer integralmente o mapeamento de danos do imóvel. Em vez disso, o trabalho se apoia no conjunto de levantamentos, registros e diagnósticos já sistematizados no TFG de Elayne de Oliveira, que realiza a documentação do sítio e apresenta a leitura das patologias observadas.

Assim, o mapa de danos entra neste texto como referência técnica e bibliográfica, e as informações derivadas desse estudo prévio funcionam como base para a compreensão do estado atual e para a construção de diretrizes de intervenção a serem aprofundadas nas etapas seguintes do trabalho.

Na prática, isso significa que as decisões desenvolvidas são orientadas por um método de leitura que, em intervenções patrimoniais, costuma envolver inspeção visível (análise organoléptica), registros fotográficos e organização sistemática das ocorrências por componente e gravidade — procedimento já conduzido e documentado no estudo de referência. A contribuição deste TCC, portanto, não está em “repetir” o levantamento, mas em interpretar criticamente essas evidências, articulando-as ao programa, ao partido e às diretrizes de preservação/restauro e reuso.

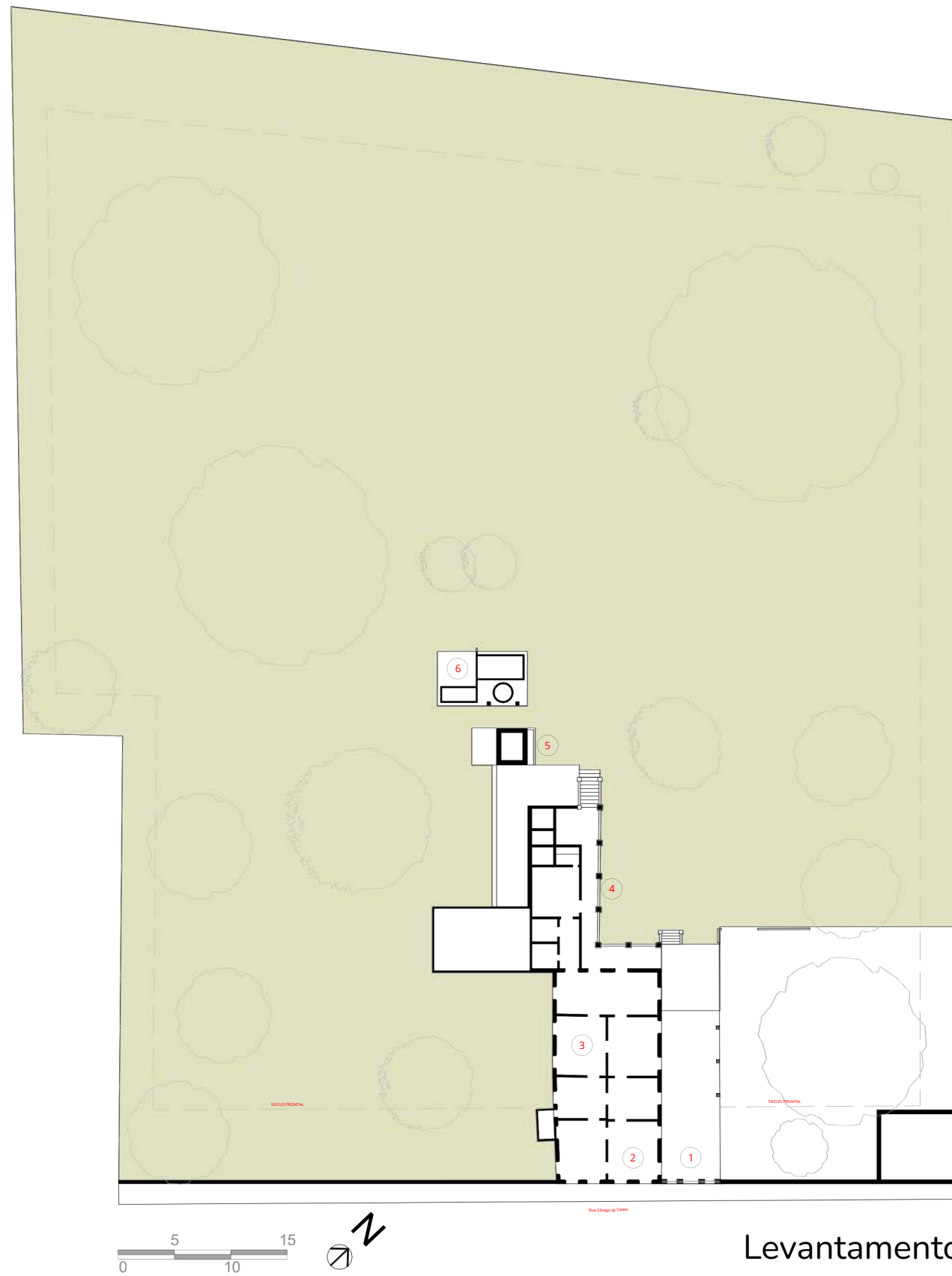
4.5 Estado Geral e Diretrizes de Intervenção

A tabela final do TCC da Elayne fornece um quadro geral do estado da casa, identificando tipos de avarias e sugerindo métodos ideais de intervenção. De forma geral, os danos incluem trincas em alvenaria, forros comprometidos e coberturas ausentes em alguns pontos. Ela propõe intervenções que sigam princípios de mínima intervenção, autenticidade e uso de materiais reversíveis, priorizando a distinção entre o que é original e o que é novo.

O método ideal de intervenção inclui a análise organoléptica, ou seja, a inspeção visível para identificar a gravidade dos danos, e o uso de materiais compatíveis e reversíveis para facilitar futuras manutenções.

Em suma, o estado geral da casa permite uma leitura clara das alterações sofridas ao longo do tempo, e a proposta é intervir de maneira pontual e controlada, respeitando a autenticidade da construção original

4.6 - registro do levantamento fotografico



1 **Entrada original** - colunas que demarcam a entrada com pintura original desgastada - cor rosa, portão metálico de gradil original - pintado cor branco.



2 **Sala de entrada** - paredes em pintura parietal original danificada e desgastada, esquadria em madeira pinta cor branca - danificadas e vedadas posteriormente com alvenaria cerâmica.



3 **Sala interna** - pintura original desgastada na cor rosa, esquadrias com pórtico em madeira pintada - cor branca e bandeira metálica - pintada cor branca.



4 **Varanda aberta para o parque** - colunar e peitoril em pintura original - cor rosa, coberta original desgastada em telha cerâmica, esquadrias originais de madeira com veneziana - pintada cor branca,



5 **fundos da chácara e poço** - varanda com coberta em telha colonial danificada e madeiramento exposto, poco com pintura original desgasta - cor branco

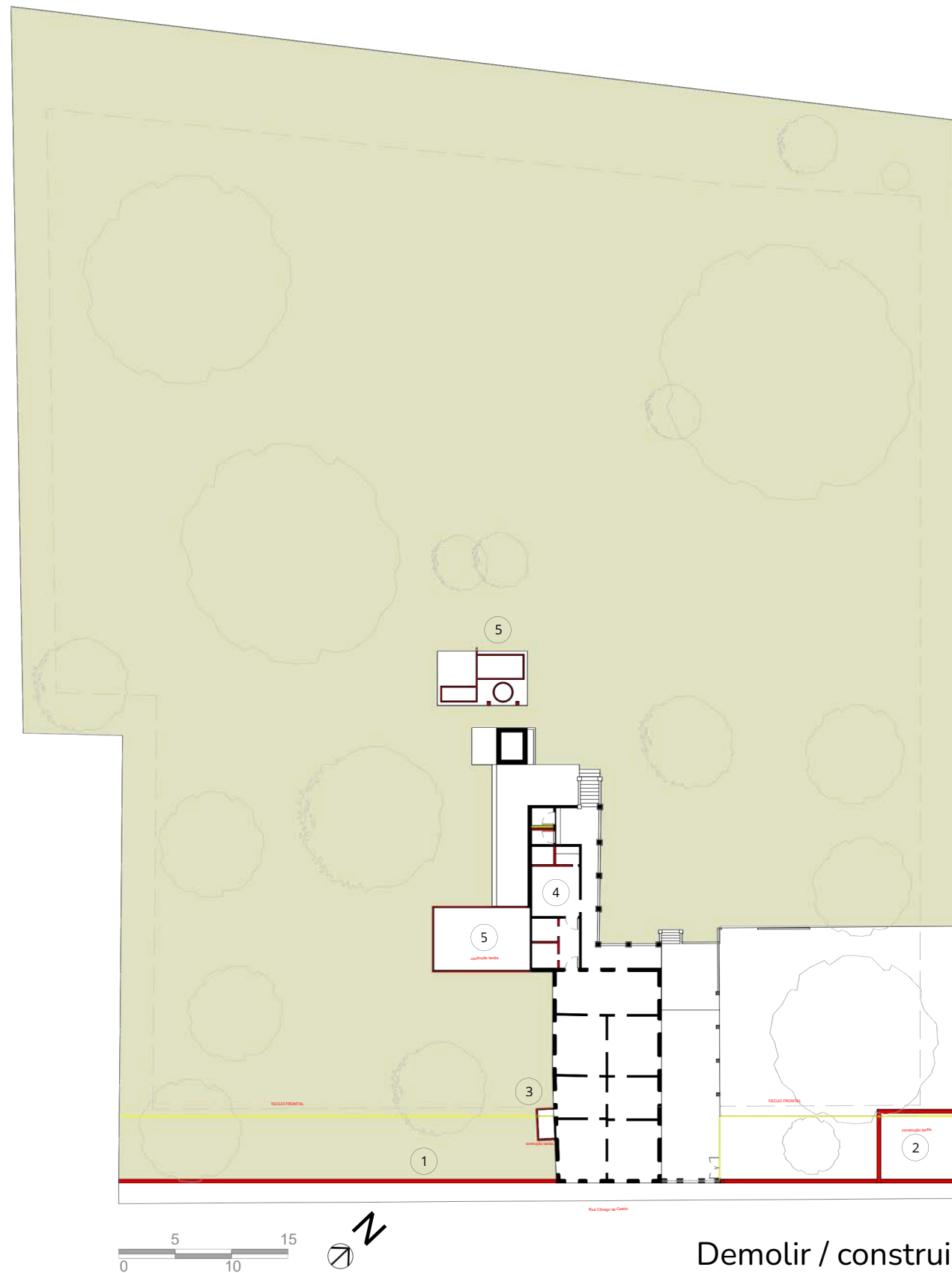


6 **Anexo de serviço externo** - paredes e coberta deterioras e expostas em avançado estado de degradação.

Fotografias da chácara.

fonte: trabalho final de graduação de Elayne Cristina Rocha de Oliveira, em 2022.

4.7 Demolições e Adequações na Planta Demolir e Construir



- 1 **O Muro de Divisa com a Rua Cônego de Castro:**
O muro que atualmente isola o terreno da rua, construído posteriormente quando a casa foi abandonada, será demolido. No lugar dele, será instalado um gradil mais recuado, criando uma calçada mais ampla para uso público.
- 2 **Anexo do Lado Direito (Construção Tardia):**
Esse anexo, construído depois da estrutura original e sem a mesma linguagem arquitetônica, será removido.
- 3 **Banheiro do Lado Esquerdo:**
O banheiro localizado no segundo cômodo à esquerda da casa também será demolido para adequar o novo uso do espaço.
- 4 **Paredes Internas para Adequação de Ambientes:**
Algumas divisórias internas nos fundos da casa serão removidas para criar três novos ambientes: um depósito de uso museológico, uma sala de exposição adicional e dois banheiros acessíveis.
- 5 **Anexos e Cisterna nos Fundos:**
O anexo de serviço nos fundos, incluindo a área onde existe uma cisterna em estado muito degradado e sem a mesma linguagem da casa, também será demolido. Isso permitirá uma melhor integração do novo programa e do uso planejado para o espaço.

05

Este capítulo reúne e analisa referências projetuais que orientam a construção da proposta arquitetônica, a partir de estratégias de intervenção em edifícios existentes, organização programática e articulação espacial. A seleção dos projetos considera soluções capazes de integrar arquitetura contemporânea e preexistência construída, bem como a criação de percursos, fluxos e espaços coletivos qualificados. A análise resulta na elaboração de diagramas interpretativos que sintetizam relações entre volumes, usos e circulações, funcionando como instrumento de tradução conceitual e apoio às decisões projetuais adotadas no trabalho.

Referências projetuais

04. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

4.1 Museu Rodin Bahia

LOCALIZAÇÃO: SALVADOR, BAHIA.
ARQUITETOS: BRASIL ARQUITETURA
ANO DO PROJETO: 2002

O Museu Rodin Bahia é um projeto que envolve de restauro de um edifício histórico a e adição de um novo, conectados por um bloco de circulação vertical que foi construído nos fundos do prédio histórico que liga um ao outro por uma passarela de concreto.

Tanto o restauro do palacete como as novas intervenções tiveram como objetivo dotar a edificação da infraestrutura necessária, adequando os espaços às atividades previstas para o museu: ação educativa e recepção, localizadas no pavimento térreo; áreas de exposição para as peças da coleção Rodin, previstas para os dois pavimentos superiores.

Nesse projeto o novo e existente se selecionam de forma harmônica mas não perdem suas identidades distintas, o novo não imita o antigo e dessa forma há uma leitura clara da intervenção. As materialidades são neutras, e concreto e aço corten utilizados de forma elegante.



Fig. 28

Fotografia da Fachada museu Rodin

fonte:
<https://www.archdaily.com.br/br/870892/estacao-da-cultura-presidente-itamar-franco-jovasconcellos-plus-rafael-yanni-acustica-and-sonica-plus-jose-augusto-nepomuceno>

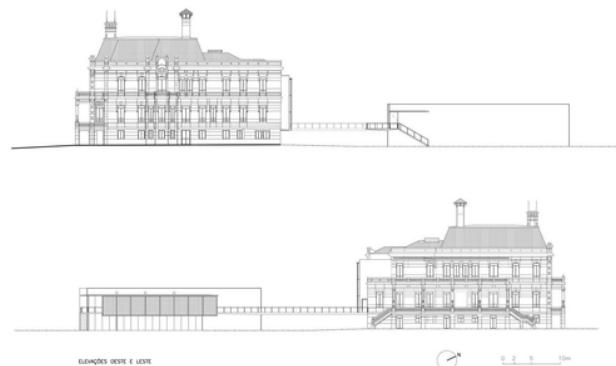


Fig. 29

Cortes

fonte:
https://www.archdaily.com.br/br/910445/museu-rodin-bahia-brasil-arquitetura/5c507825284dd1625800003f-museu-rodin-bahia-brasil-arquitetura-foto?next_project=no

A partir da análise da plantas e cortes, extrai diagramas que me ajudassem a entender como o projeto se organiza, e a partir desse entendimento, escolher qual aspecto do projeto de referencia considero mais forte para gerar novos diagramas, que ajudarão na concepção do projeto do TCC. O ponto forte em comum do projeto do Museu Rodin com o projeto a ser proposto nesse trabalho é a existência de um prédio com valor patrimonial no terreno escolhido.

Tendo em mente restaurar e reabilitar o prédio existente, fiz diagramas orientados pela configuração atual do dele no terreno, e de forma esquemática gerei diagramas de implantação para o novo.

Fig. 30 - Diagrama extraído

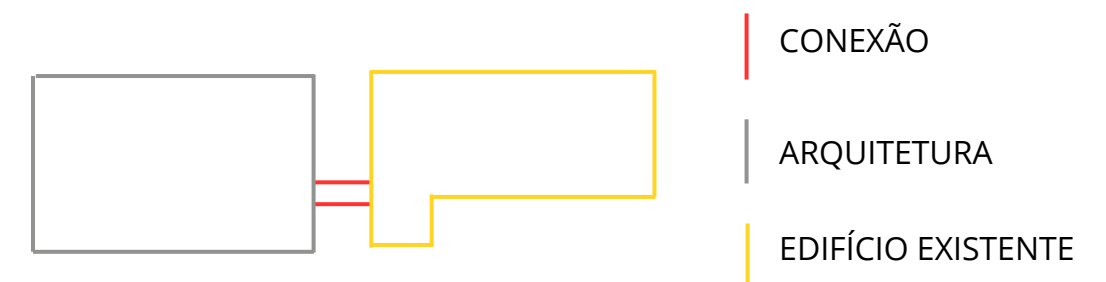


Fig. 31 - Diagrama gerado - 1

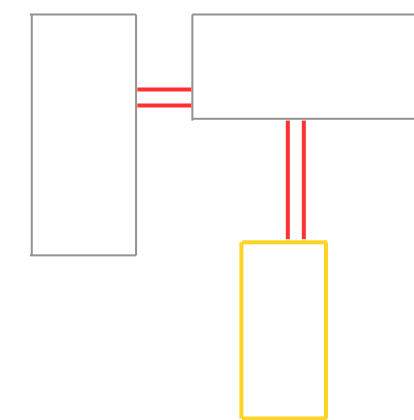
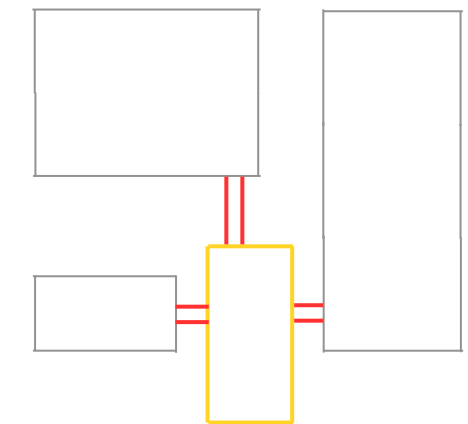


Fig. 32 - Diagrama gerado - 2



fonte: elaborado pelo autor.

4.2 REDE CUCA

CUCA BARRA

LOCALIZAÇÃO: BARRA DO CEARÁ - FORTALEZA-CE.
ARQUITETO EDUARDO HIDEO SUZUKI – AUTOR
ARQUITETA VANY KIE KANABUSHI – CO-AUTORIA
ANO DO PROJETO: 2009 -2013

A Rede CUCA é uma rede de proteção social e oportunidades formada por um conjunto de três complexos multi culturais, esportivos e educacionais denominados Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte, localizados na cidade de Fortaleza. Os equipamentos tem um projeto semelhante, que compartilham uma organização pavilhonar simples, que se adapta às características do terreno onde é implantado.

No caso do CUCA barra, eles estão organizados perpendicularmente. O restante do terreno foi usado para o programa esportivo do edifício cultural, tendo anfiteatro, ginásio, quadra e piscina.

Essa disposição perpendicular é interessante pois criam um eixo de visão que se volta para as áreas externas e dão o aspecto receptivo ao equipamento, ele se torna convidativo pois se volta pra orla/calçadão de forma aberta e atrai o olhar de qualquer um que ande em seu entorno.



Fig. 33

Fotografia Aérea do CUCA Barra

fonte:
<https://mapacultural.secult.ce.gov.br/espaco/49/>



Fig. 34

Implantação
CUCA Barra

fonte:
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/06.065/2640?page=3>

Diagramas de fluxo

No caso do do CUCA, considerei os fluxos do projeto um aspecto interessante para desenvolver estudos diagramáticos, então fiz diagramas que tentam entender como os fluxos poderiam acontecer nos esquemas extraídos na análise anterior.

Fig. 35 - Diagrama extraído

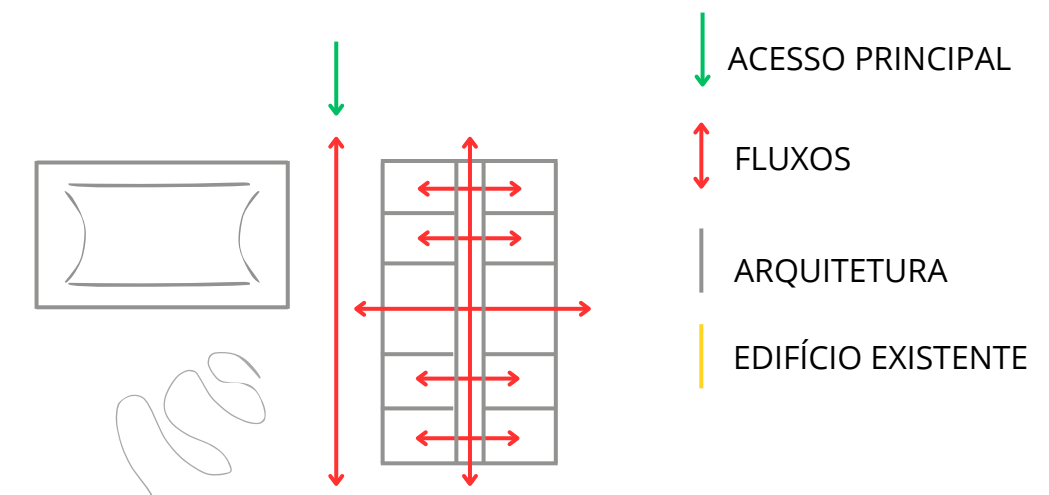


Fig. 36 - Diagrama gerado - 1

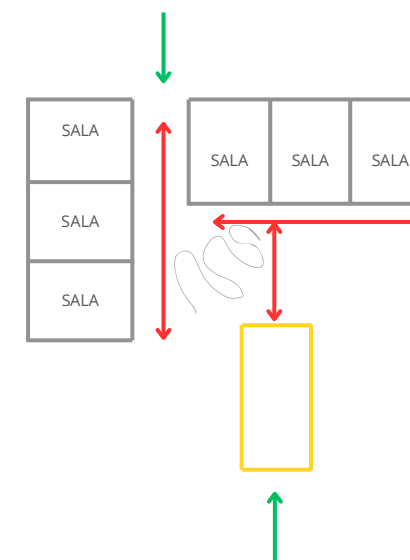
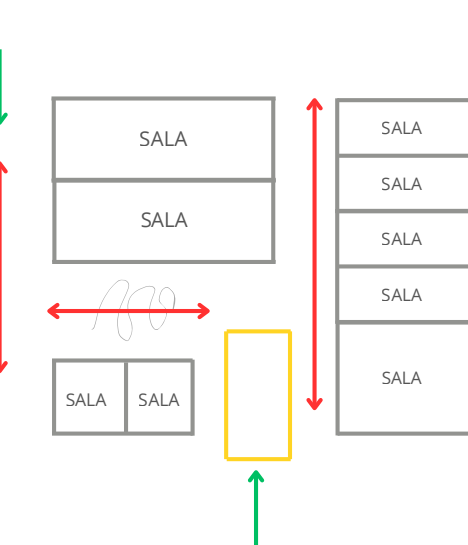


Fig. 37 - Diagrama gerado - 2



fonte: elaborado pelo autor.

4.3. ESTAÇÃO DA CULTURA PRESIDENTE ITAMAR FRANCO

LOCALIZAÇÃO: BARRO PRETO, BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS
ARQUITETOS: ACÚSTICA & SÔNICA, JÔ VASCONCELLOS, RAFAEL YANNI
ANO DO PROJETO: 2016

O edifício é um conjunto arquitetônico destinado a cultura, que atenda a demanda de uma orquestra Filarmônica, TV e Radio insere Belo Horizonte nas redes mundiais de cidades criativas e em transformação. A proposta é agenciar o espaço e transformá-lo em polo de cultura e ponto turístico da cidade.

O prédio se organiza em dois pavilhões que estão orientados perpendicularmente um ao outro, similar a como o CUCA também se organiza. A integração dos dois pavilhões é feita por uma estrutura metálica que cria um pátio coberto e gera um espaço de convivência e recepção.

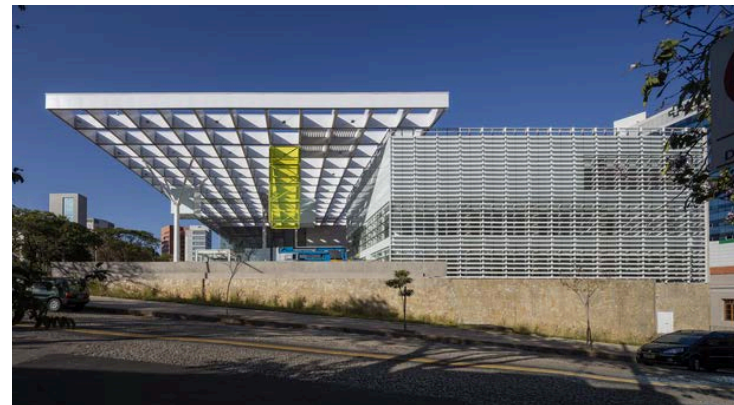


Fig. 38
Fotografia da Fachada

fonte:
<https://www.archdaily.com.br/br/870892/estacao-da-cultura-presidente-itamar-franco-jo-vasconcellos-plus-rafael-yanni-acustica-and-sonica-plus-jose-augusto-nepomuceno>

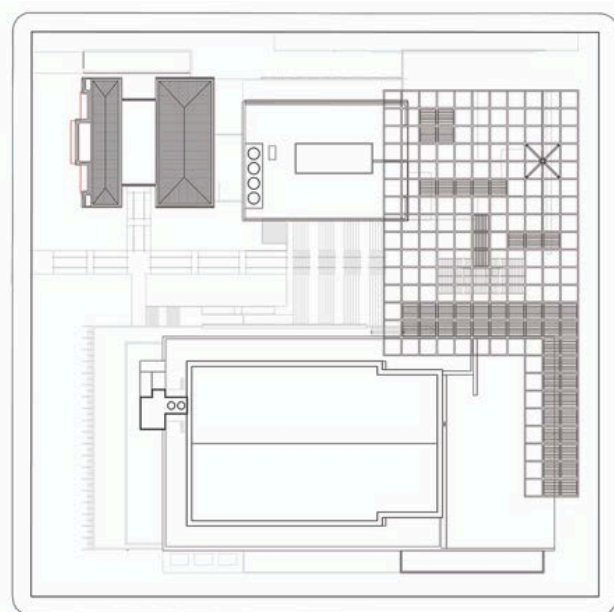


Fig. 39
Planta de cobertura

fonte:
<https://www.archdaily.com.br/br/870892/estacao-da-cultura-presidente-itamar-franco-jo-vasconcellos-plus-rafael-yanni-acustica-and-sonica-plus-jose-augusto-nepomuceno>

Diagramas de fluxo

Desse estudo de referência, elenco a solução de cobertura criado, como aspecto forte para análise diagramática. A cobertura que faz conexão entre os pavilhões, e gera um praça protegida que convida o pedestre a entrar nas dependências do edifício cultural.

Fig. 40 - Diagrama extraído

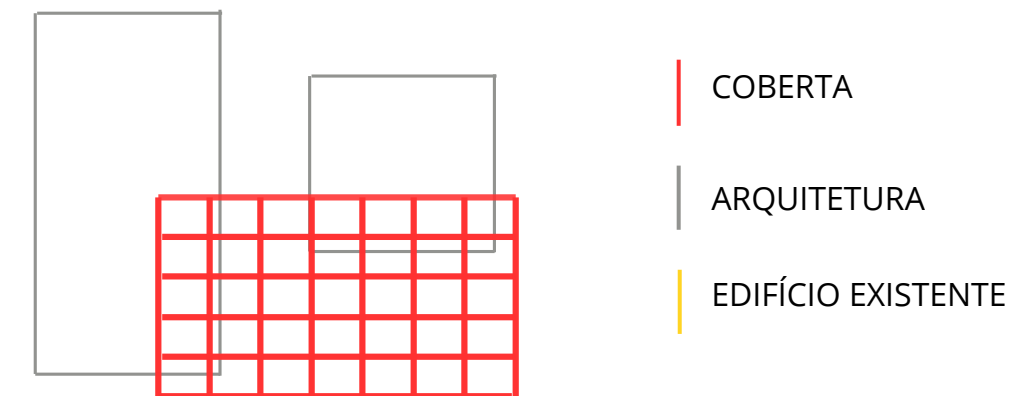


Fig. 41 - Diagrama gerado - 1

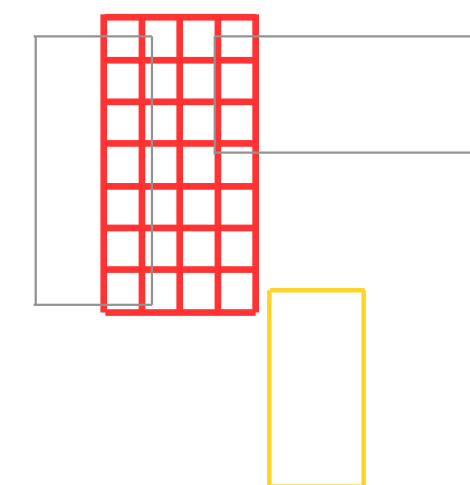
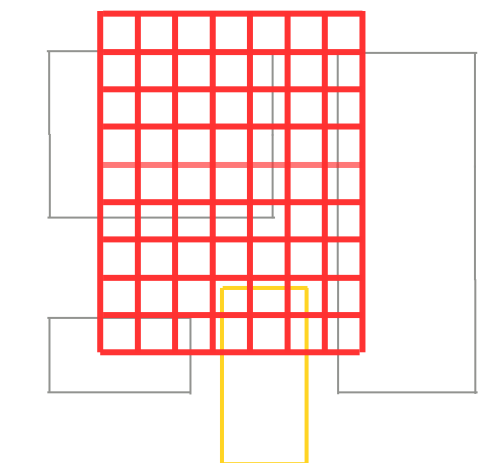


Fig. 42- Diagrama gerado - 2



fonte: elaborado pelo autor.

06

**Aproximação - Área de
intervenção**



1
Av. General Osório de Paiva.
Fig. 43



2
Rua Eduardo Perdigão
Fig. 44

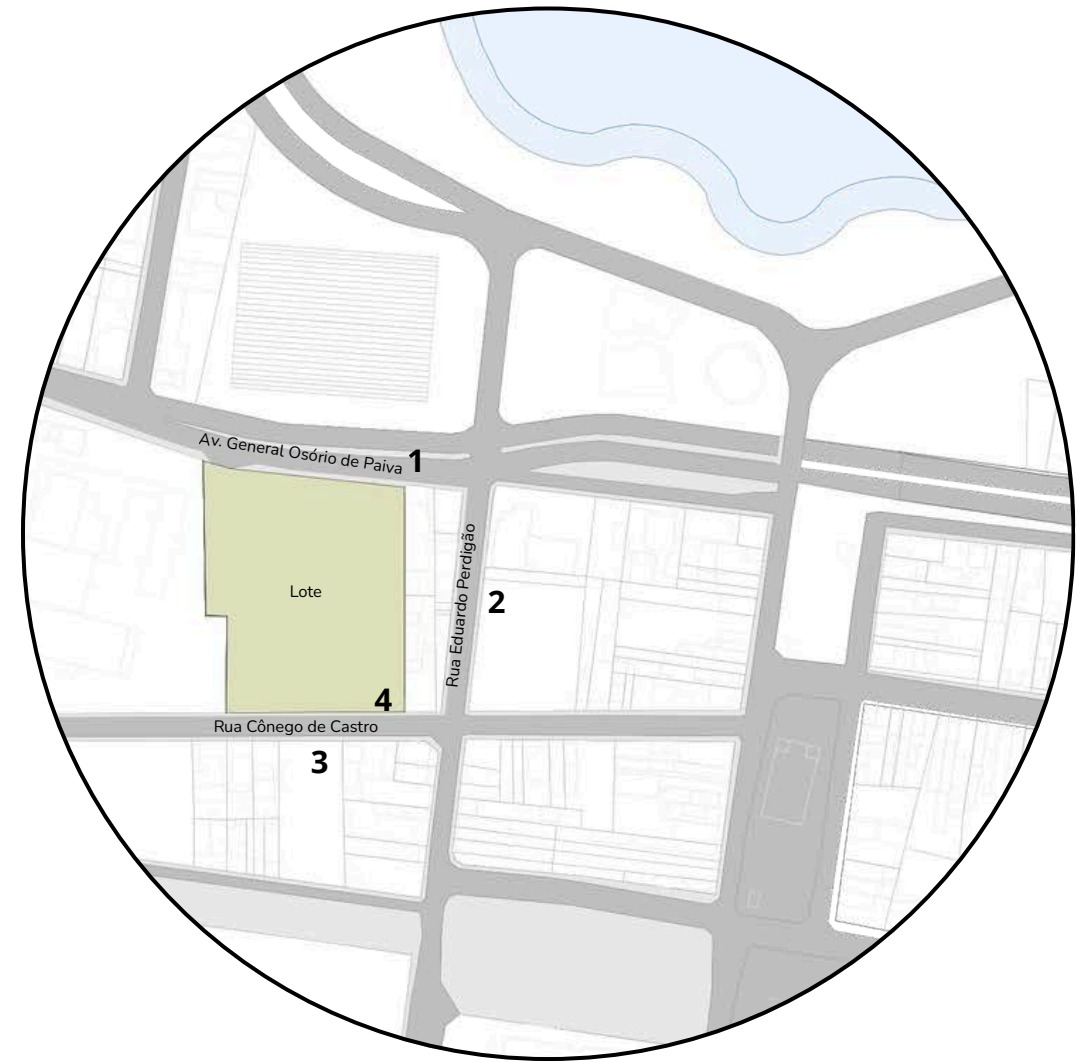


3
Fachada da chácara
Rua Cônego de Castro
Fig. 45



4
Rua Cônego de castro
Fig.46

Fotografias do entorno
fonte: Acervo do autor



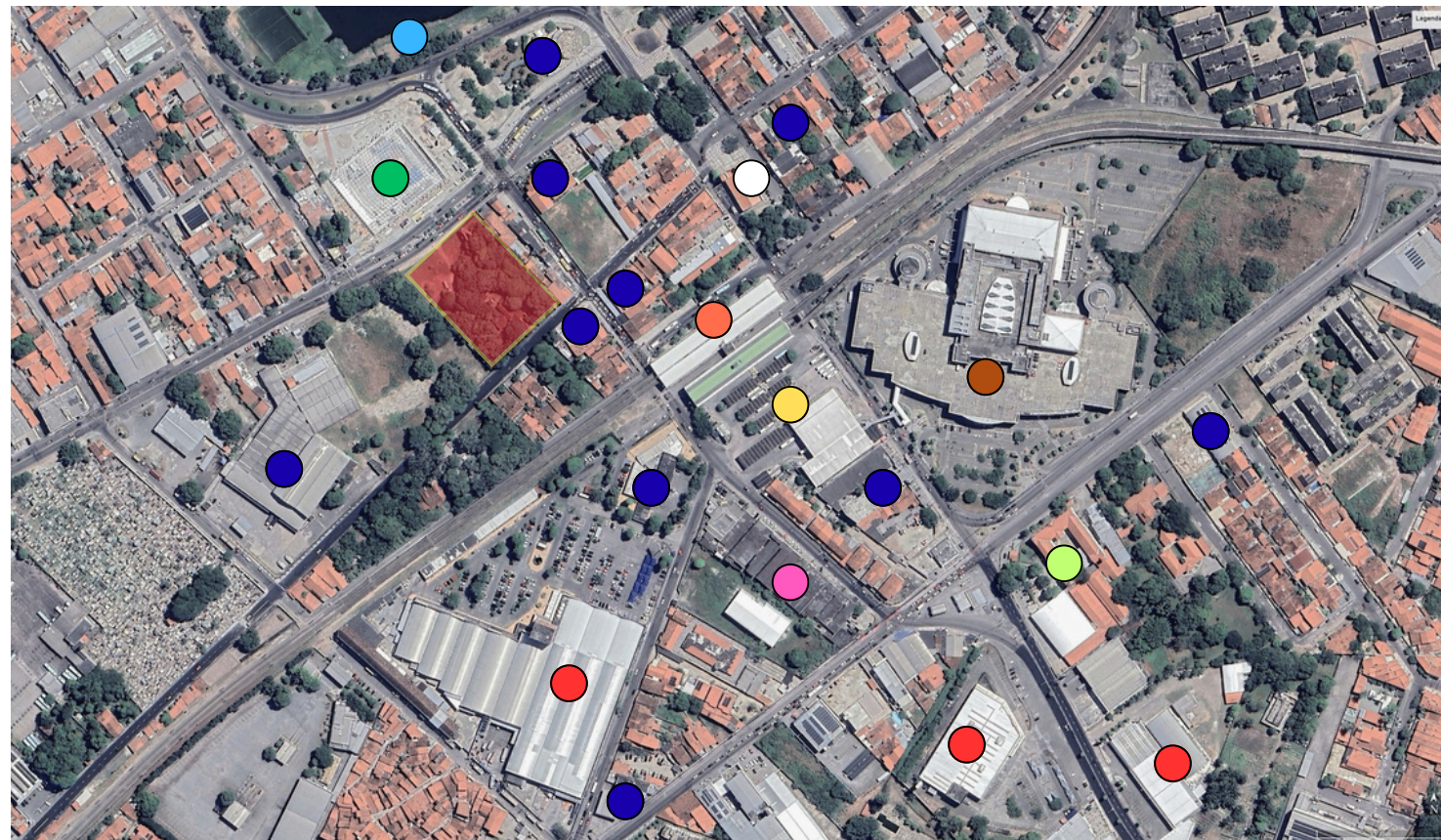
O entorno imediato do projeto é marcado por uma presença significativa de vegetação densa. A Parangaba, de modo geral, ainda preserva uma massa vegetal considerável, e a Rua Cônego de Castro, onde o terreno se localiza, é caracterizada por uma predominância de árvores de grande porte e uso predominantemente residencial. Ao longo da rua, vemos principalmente sítios e casas, com uma concentração de comércio mais na esquina.

Já na Av. General Osório de Paiva, que fica de frente para a fachada noroeste do terreno, há uma presença um pouco maior de comércio e uma vista para a lagoa. Nesse cenário, também se destaca o Ginásio Poliesportivo da Parangaba, bem em frente ao terreno, e a intensa malha viária que torna essa região muito movimentada.

Além disso, o local está muito próximo de importantes pontos de transporte, como o terminal da Parangaba, a estação de metrô e VLT, e o shopping, criando um eixo de circulação muito forte. Isso faz com que a área seja bem conectada e acessível, com grande fluxo de pessoas e uma dinâmica urbana intensa

O entorno

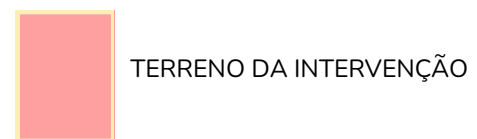
Fig. 47 - Mapa de usos



fonte: elaborado pelo autor.

- MALL COMERCIAL COM SUPERMERCADO E LOJAS DIVERSAS. (ASSAI, G BARBOSA E SUPER GUARA).
- HOSPITAL MATERNIDADE MENINO DE JEJUS.
- FACULDADE UNINASSAL
- TERMINAL DA PARANGABA
- ESTAÇÃO DE METRÔ E VLT
- PARÓQUIA BOM JESUS DOS AFLITOS
- SHOPPING PARANGABA

- LAGOA DA PARANGABA
- GINÁSIO DA PARANGABA
- EDIFÍCIOS DE USO COMERCIAL

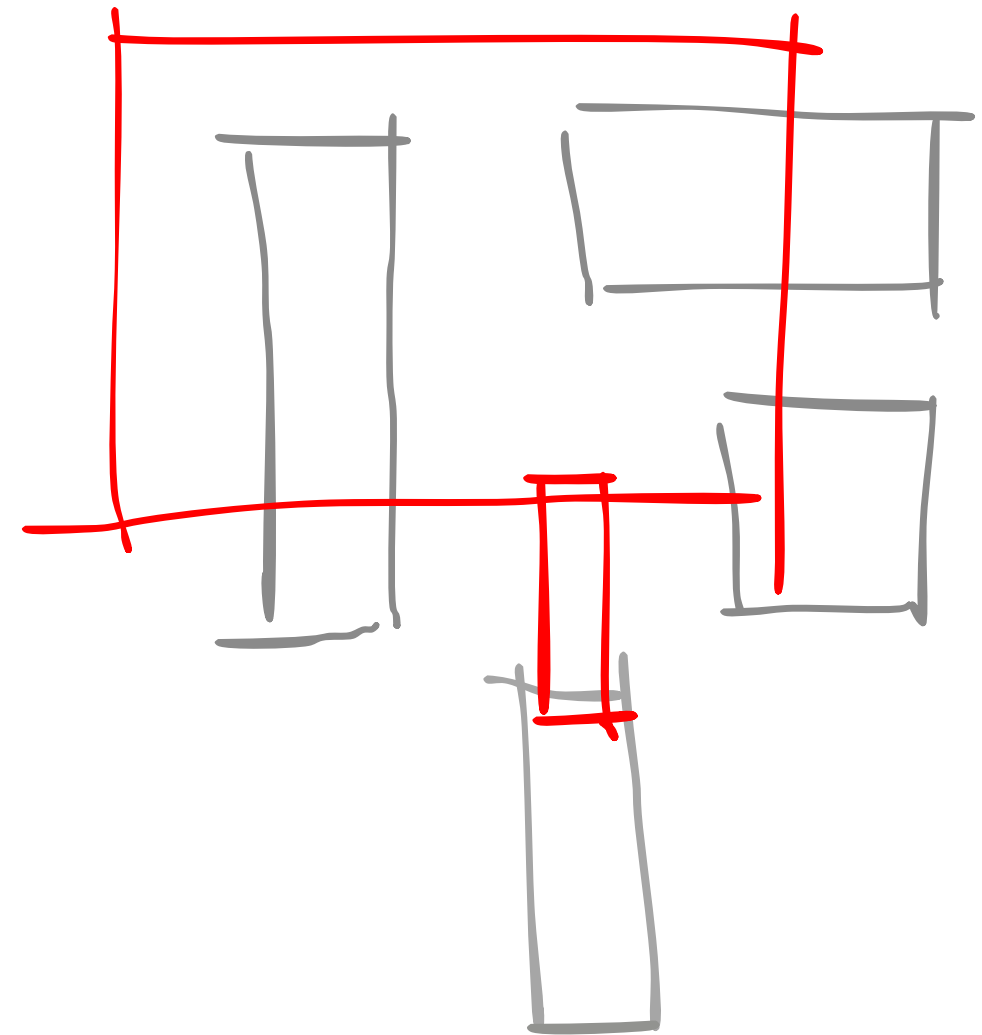


O mapa de uso e ocupação do solo indica uma configuração mista no bairro, com coexistência entre usos residenciais e comerciais. Observa-se, entretanto, a predominância do uso comercial no entorno imediato do terreno, diretamente relacionada à sua localização estratégica em eixos de circulação urbana. A proximidade com terminais de ônibus e vias que conectam diferentes áreas da cidade intensifica o fluxo de pessoas, favorecendo a concentração de atividades comerciais e de serviços. Essa dinâmica convive com o uso residencial, especialmente em áreas mais internas, configurando um tecido urbano marcado pela sobreposição de funções e pela intensa vitalidade cotidiana.

07

Este capítulo apresenta o conceito do projeto e as diretrizes que orientam a proposta arquitetônica, articulando a preservação da chácara memorial à implantação de um novo equipamento cultural. São definidos os princípios de integração entre o antigo e o novo, a relação com a vegetação existente, a organização espacial em “L” como elemento de centralidade e convivência, bem como as estratégias institucionais, estruturais e urbanísticas que garantem acessibilidade, clareza funcional e inserção urbana adequada ao contexto da Parangaba.

O Projeto



Diante do diagnóstico do bairro, identificou-se uma carência de equipamentos culturais que apoiem as escolas e facilitem o acesso da comunidade à arte, à preservação ambiental e à troca de saberes. O projeto, portanto, nasce com a intenção de criar um espaço que não apenas supra essa necessidade, mas também ofereça novas possibilidades e uma nova chance de crescimento para a comunidade.

A ideia é que a arquitetura do equipamento seja pedagógica e democrática, criando espaços de convivência confortáveis, bonitos e acessíveis. Ele se desenha como um lugar de aprendizado sobre o meio ambiente, de apoio à arte e de fortalecimento do senso de pertencimento comunitário.

Conceito



FACHADA DA CHÁCARA MEMORIAL



FACHADA DO CAMP - COMPLEXO CULTURAL

Diretrizes



Harmonia com a Vegetação Existente: Integrar o projeto à paisagem local, preservando as áreas verdes e posicionando o novo edifício nas zonas menos densas de vegetação



Centralidade e Convivência: Organizar os espaços de convivência e circulação no centro do conjunto, aproveitando a forma em "L" para criar um núcleo de interação natural.



Diálogo Sutil entre o Antigo e o Novo: Assegurar que o novo edifício complemente a chácara existente sem competir visualmente, mantendo uma distinção clara e criando um diálogo respeitoso entre as duas arquiteturas.



Integração Urbana e Acessibilidade: Garantir que o projeto esteja bem conectado com os pontos de transporte e fluxo urbano, tornando-o acessível e integrado ao contexto da Parangaba.

o projeto se inspira em modelos de gestão já existentes, como o Instituto Mirante, que administra outros espaços culturais em Fortaleza. A ideia é que o equipamento seja direcionado pela Secretaria de Cultura para uma gestão que promova roteiros, eventos e atividades que atendam tanto o público geral quanto as escolas do entorno. Assim, o espaço se torna uma extensão acessível para atividades educativas e culturais, integrando-se naturalmente ao cotidiano das crianças e da comunidade.

Desenho Institucional



Fig. 48

Estação de metro da Parangaba
fonte: Acervo do autor

Sistema Estrutural

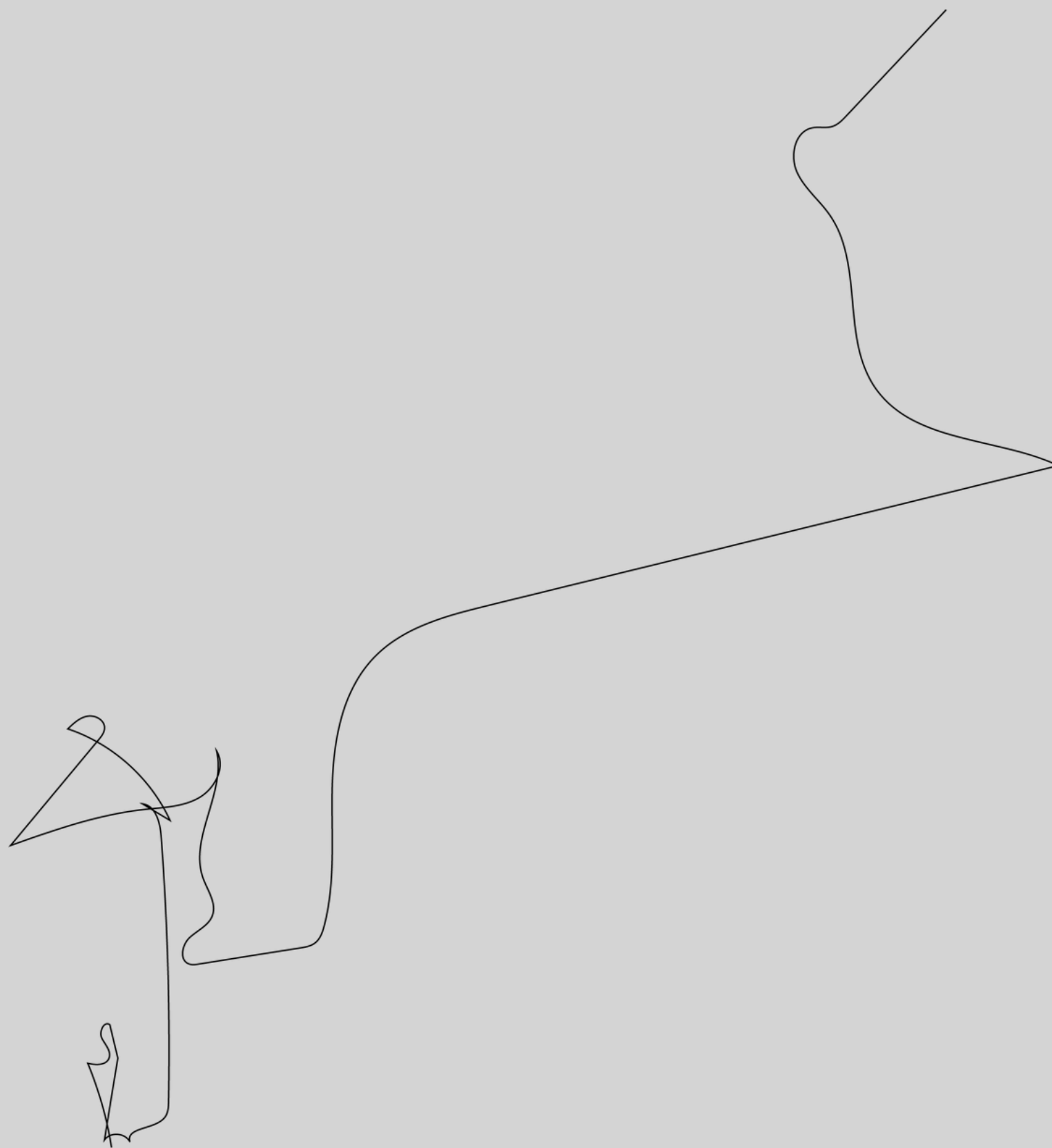
O sistema estrutural do projeto foi concebido a partir de uma malha modular, que orienta tanto a racionalização construtiva quanto o desenho arquitetônico. Essa lógica estrutural organiza os eixos, os fluxos e a implantação dos blocos, resultando em uma arquitetura mais clara, eficiente e fluida.

Optou-se por um sistema estrutural misto, combinando concreto e estrutura metálica. Essa escolha possibilita a criação de vãos maiores, fundamentais para a implantação de uma cobertura capaz de abranger diferentes blocos e conformar amplos espaços de convivência. Esses espaços se configuram como áreas contínuas, permeáveis e integradas à paisagem, permitindo que o ambiente externo atravesse a arquitetura de forma natural.

Apesar da escala e da abrangência das coberturas, buscou-se uma solução estrutural leve, eficiente e de execução racional. O sistema adotado permite grandes dimensões sem gerar uma arquitetura pesada, conciliando robustez estrutural e leveza espacial.

Além dos aspectos técnicos e funcionais, a escolha do concreto aparente e do metal também dialoga com o contexto urbano da Parangaba, onde edificações de uso público apresentam forte presença do caráter brutalista, marcado pelo uso expressivo do concreto em seu estado natural. Ao adotar essa materialidade, o projeto reconhece e dá continuidade a uma linguagem arquitetônica já presente no bairro, reforçando a identidade local e estabelecendo uma relação de pertencimento com o território.

Sistema Estrutural



A área de intervenção está situada na Zona de Requalificação Urbana 1 (ZRU1) segundo a atual Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS) de Fortaleza.

Da Zona de Requalificação Urbana 1

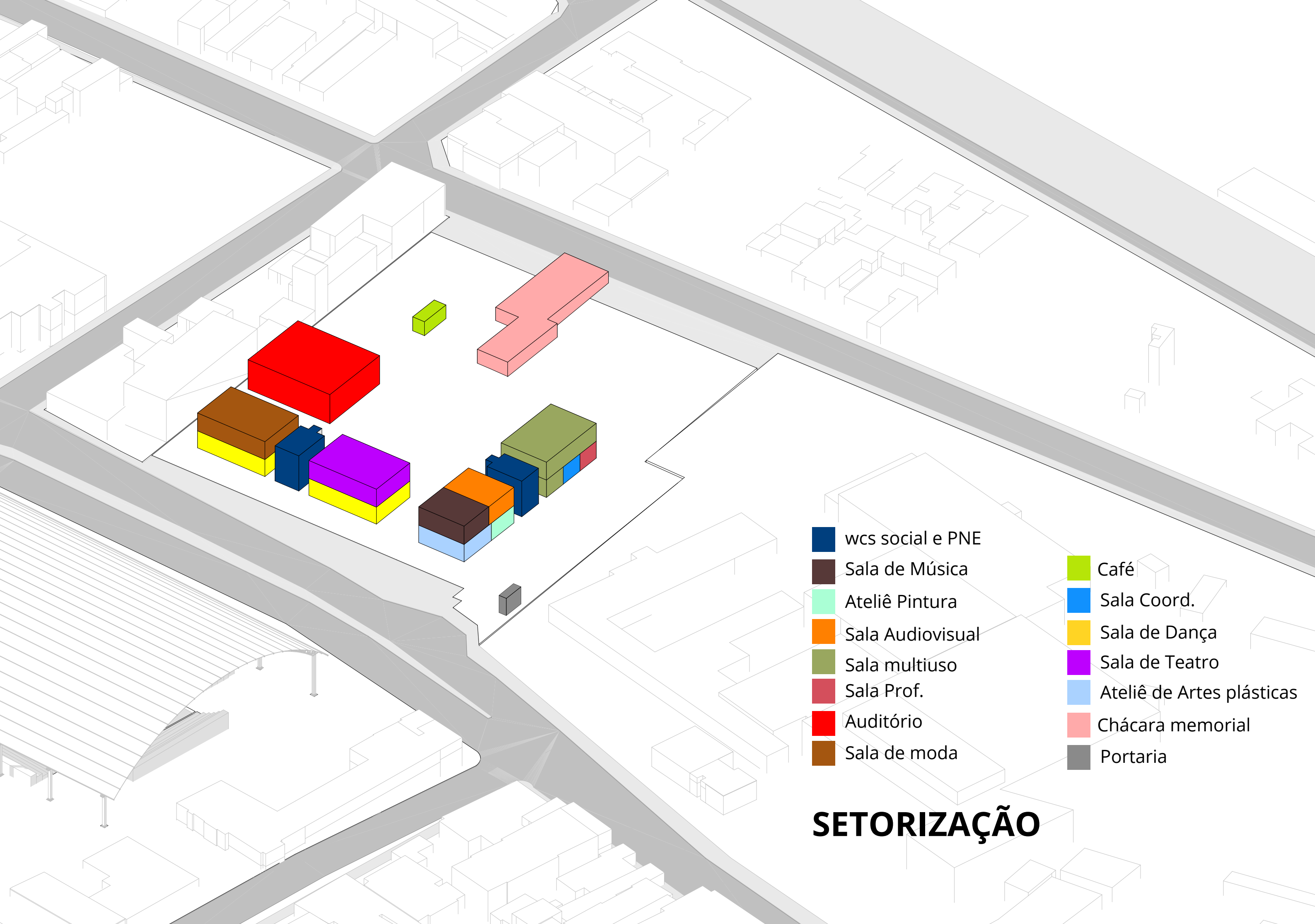
Art. 91 A Zona de Requalificação Urbana (ZRU 1) caracteriza-se pela insuficiência ou precariedade da infraestrutura e dos serviços urbanos, principalmente de saneamento ambiental, carência de equipamentos e espaços públicos, pela presença de imóveis não utilizados e subutilizados e incidência de núcleos habitacionais de interesse social precários; destinando-se à requalificação urbanística e ambiental, adequação das condições de habitabilidade, acessibilidade mobilidade e à intensificação e dinamização do uso e ocupação do solo dos imóveis não utilizados e subutilizados

Fonte: LPUOS, Lei nº 236/2017

De acordo com os parâmetros estabelecidos pela legislação vigente para a ZRU1, os principais índices urbanísticos aplicáveis à área são:

- Taxa de ocupação máxima: 70%
- Coeficiente de aproveitamento básico: 1,0
- Coeficiente de aproveitamento máximo: 2,0
- Altura máxima: 16 metros (equivalente a 4 pavimentos)
- Recuos obrigatórios: variáveis conforme gabarito, sendo exigido recuo frontal mínimo de 3 metros e recuos laterais conforme normativas específicas.

Aspectos urbanos e índices urbanísticos



- wcs social e PNE
- Sala de Música
- Ateliê Pintura
- Sala Audiovisual
- Sala multiuso
- Sala Prof.
- Auditório
- Sala de moda
- Café
- Sala Coord.
- Sala de Dança
- Sala de Teatro
- Ateliê de Artes plásticas
- Chácara memorial
- Portaria

SETORIZAÇÃO

O programa do equipamento cultural organiza-se a partir de dois grandes eixos complementares: um eixo educacional, concentrado no novo edifício, e um eixo museológico, implantado na chácara restaurada. Ambos são articulados pelo parque e pelos espaços de convivência, conformando um conjunto integrado.

Programa Arquitetônico

Eixo Educacional – Novo Edifício

O eixo educacional estrutura-se a partir de eixos de formação artística, distribuídos em dois pavimentos.

No pavimento térreo, concentram-se os usos voltados às atividades corporais, plásticas e coletivas, incluindo:

- salas de aula de **dança**;
- ateliê de **artes plásticas**;
- ateliê de pintura;
- sala multiuso;
- banheiros sociais e acessíveis, articulados entre os blocos;
- salas dos professores;
- sala de coordenação, destinada às demandas administrativas e organizacionais do equipamento.

No pavimento superior, localizam-se os ambientes voltados à formação técnica, artística e contemporânea, compondo um eixo de maior especialização, com:

- salas do eixo da **moda**, voltadas à formação e produção têxtil;
- sala de teatro para formação em **artes cênicas**;
- sala de **música**;
- sala de audiovisual, destinada ao desenvolvimento de **mídias digitais** e produção artística contemporânea;
- sala multiuso, capaz de acomodar **diferentes usos** e dinâmicas pedagógicas.



Ateliê de artes plásticas - Pav. Térreo

Articulado a esse conjunto de salas, implanta-se um auditório do tipo **black box**, cuja configuração interna é **flexível e adaptável** às diferentes demandas de uso.

O espaço permite múltiplos arranjos de palco e plateia, adequando-se a apresentações, ensaios e eventos diversos. A boca de cena do auditório se abre para um **anfiteatro externo**, localizado na praça central do conjunto, ampliando as possibilidades de uso e promovendo uma relação direta entre os espaços internos e o espaço público.



Auditório - Pav. Térreo

Eixo Museológico – Chácara Memorial

No outro extremo do conjunto, a **chácara restaurada** abriga o eixo museológico do projeto. Após o processo de restauração, o edifício passa a acolher funções ligadas à **memória, à exposição e à preservação do patrimônio**, configurando-se como uma chácara memorial.

O programa museológico é composto por:

- sete salas de exposição;
- dois banheiros acessíveis;
- uma sala adaptada para depósito e almoxarifado, atendendo às necessidades técnicas de um programa museológico.

Associado ao museu, implanta-se um café, destinado a atender tanto os visitantes quanto os alunos do equipamento, funcionando como espaço de permanência, encontro e apoio às atividades culturais.

Parque e Percursos

Entre o novo edifício e a chácara, desenvolve-se o parque e bosque, elemento estruturador do conjunto. O espaço verde abriga trilhas ao ar livre, ao longo das quais se distribuem obras de arte, configurando uma exposição a céu aberto. O parque funciona como um percurso contínuo de fruição, no qual paisagem, arte e arquitetura se integram, reforçando o caráter educativo, cultural e sensorial do projeto.

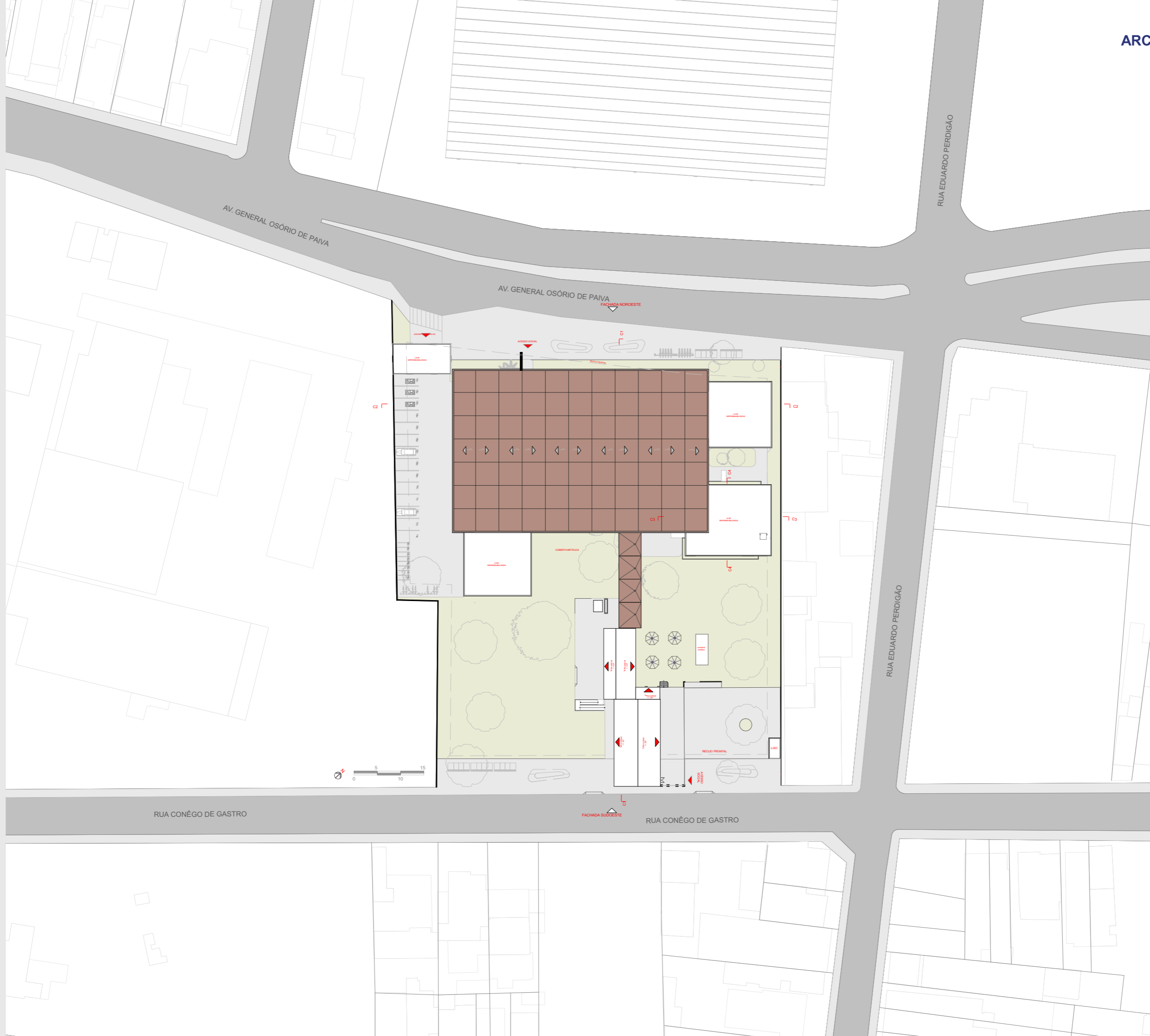


Recepção do Memorial - Pav. Térreo

IMPLANTAÇÃO

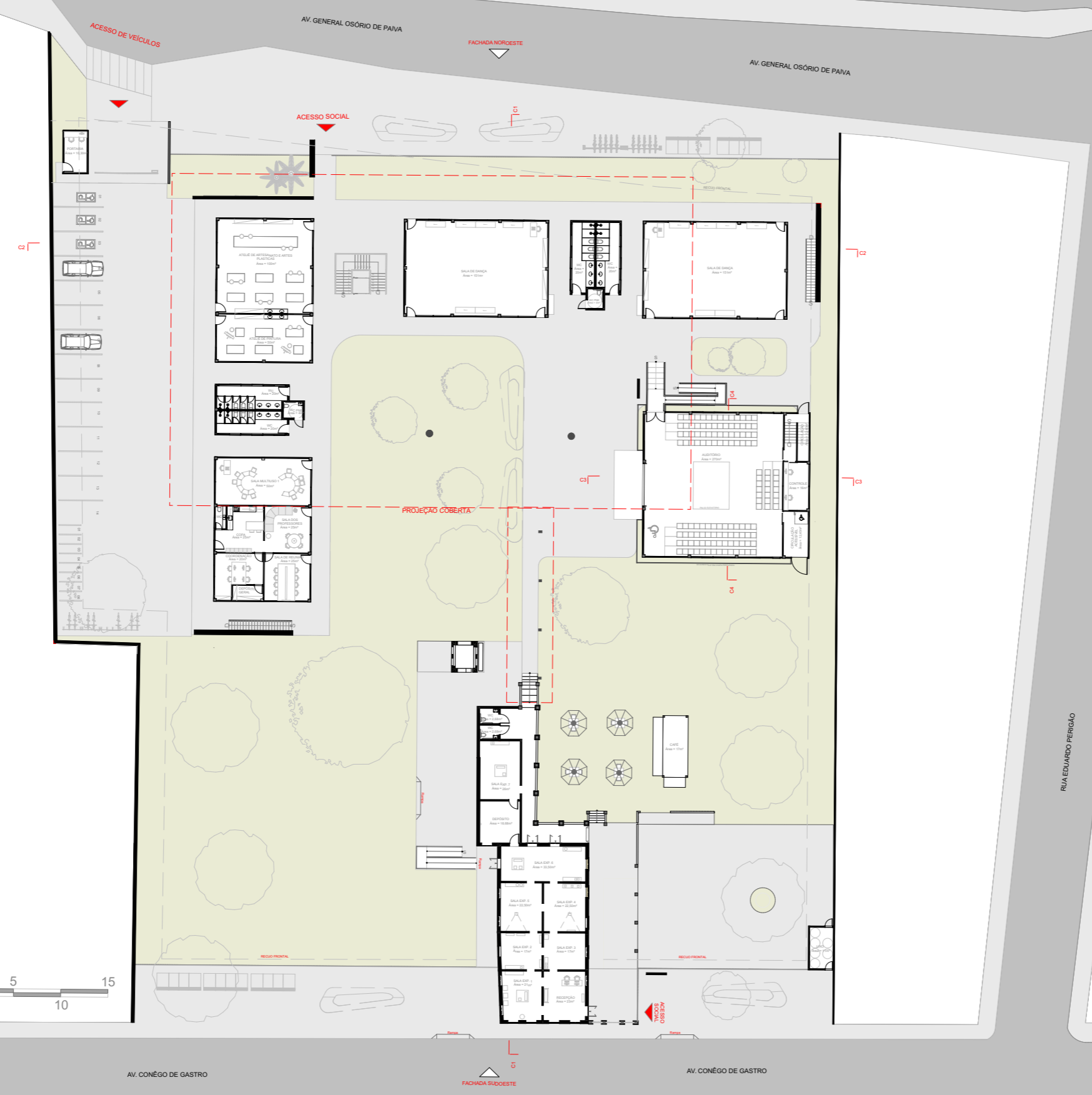
ÍNDICES URBANÍSTICOS

ÁREA DO TERRENO	7.873 m ²
TAXA DE PERMEABILIDADE	60,06%
TAXA DE OCUPAÇÃO	39%
ÍNDICE DE APROVEITAMENTO	0,48



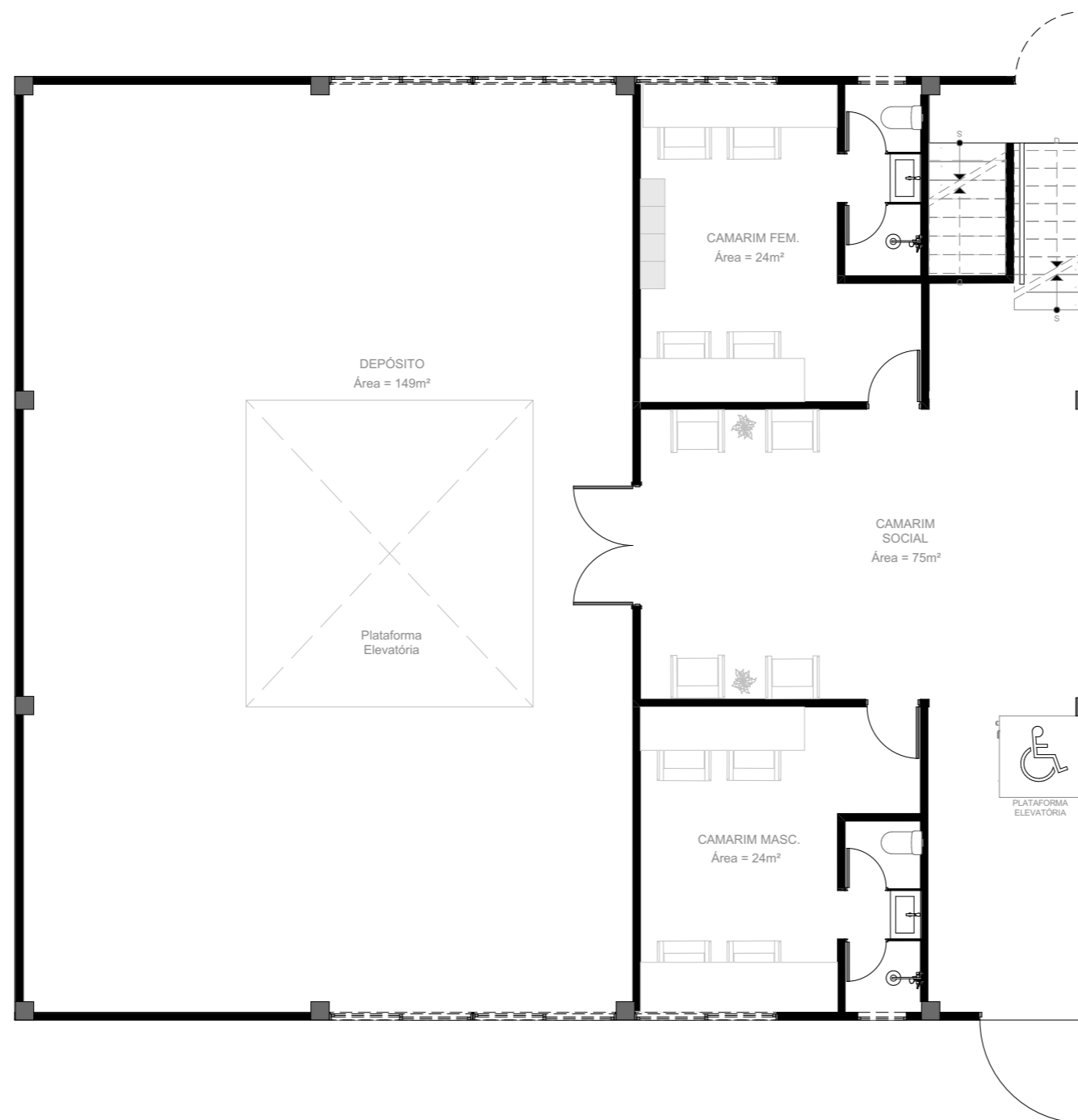
PLANTA TÉRREO

AMBIENTE	ÁREA M ²
PORTARIA	10,30
LIXO	11
ATÊ. ART. PLAST.	100
ATÊ. PINTURA	100
SALA DE DANÇA	100
WC SOCIAL	20
WC PNE	4
SALA MULTIUSO 1	50
COPA	25
SALA PROF.	25
SALA COORD.	20
SALA REUNIÃO	25
DEPÓSITO	5
AUDITÓRIO	270
CONTROLE	16
CIRCULAÇÃO	12,40
CHÁCARA MEMORIAL	
RECEPÇÃO	23
SALA EXP. 1	21
SALA EXP. 2	17
SALA EXP. 3	17
SALA EXP. 4	22,50
SALA EXP. 5	22,50
SALA EXP. 6	33,50
SALA EXP. 7	26
DEPÓSITO	18,68
WC	2,68
CAFÉ	17



PLANTA SUBSOLO AUDITÓRIO

AMBIENTE	ÁREA M ²
DEPÓSITO	149
CAMARIM FEM.	24
CAMARIM MASC.	24
CAMARIM SOCIAL	45





RECEPÇÃO - CHÁCARA MEMORIAL



RECEPÇÃO - CHÁCARA MEMORIAL



RECEPÇÃO - CHÁCARA MEMORIAL



A PARANGABA

A Parangaba é um dos bairros mais tradicionais e estratégicos de Fortaleza, marcada por uma história popular forte e por seu papel como polo de mobilidade e comércio. O terminal, as conexões de transporte e o fluxo diário de pessoas fazem do bairro um lugar de encontro —

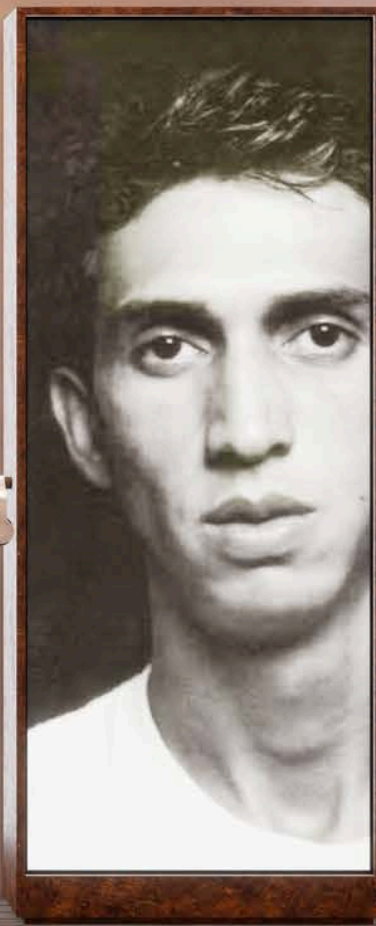
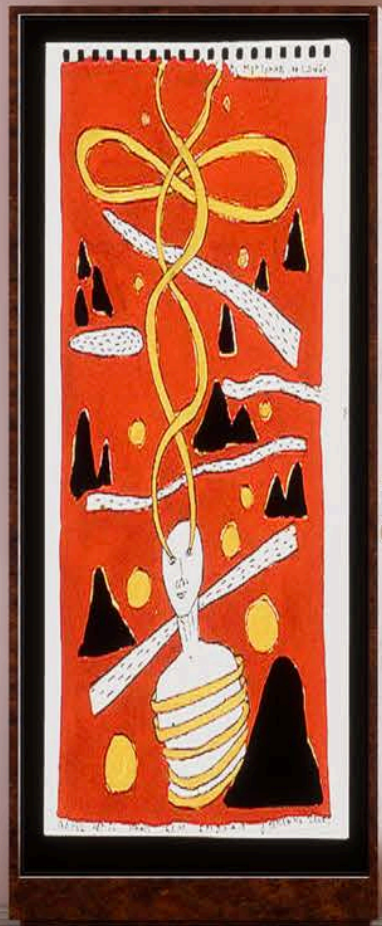
intenso, vivo e sempre em movimento. Ao mesmo tempo, essa centralidade convive com carências de espaços públicos qualificados e de equipamentos culturais acessíveis, o que reforça a necessidade de iniciativas que valorizem a memória local e ampliem as oportunidades de formação, convivência e cidadania.





SALA DE EXPOSIÇÃO 1

Sua obra é frequentemente lida como um diário íntimo: um conjunto de imagens e palavras que alcançam experiências pessoais, afetos e percepções do mundo. A partir de 1982, o artista passou a incorporar bordados e costuras, tornando o tecido um campo de escrita e memória. Após descobrir-se soroposivo em 1994, sua produção ganha um tom ainda mais agudo sobre a vulnerabilidade da vida. No mesmo ano de sua morte, familiares e amigos criam o Projeto Leonilson, voltado à preservação e difusão de sua obra e arquivos.



Leonilson

José Leonilson Bezerra Dias (Fortaleza, 1957 – São Paulo, 1993) foi pintor, desenhista e escritor, reconhecido como um dos nomes centrais da arte brasileira das décadas de 1980 e 1990. Mudou-se ainda criança para São Paulo e estudou na FAAP. Sua produção, marcada por caráter autobiográfico e por uma escrita visual delicada, ganhou novos suportes a partir do fim dos anos 1980, quando passou a incorporar costuras e bordados como linguagem recorrente. Nos últimos anos de vida, sua obra intensificou reflexões sobre fragilidade, dor, espiritualidade e tempo.

O CANGAÇO

Os cangaceiros — homens e mulheres que viveram à margem da lei entre o final do século XIX e meados do XX — carregavam teços, medalhas, escapulários e berlínhos junto às armas. Acreditavam que esses objetos não eram apenas símbolos, mas escudos espirituais capazes de protegê-los em emboscadas e batalhas. Muitos faziam promessas a santos e santas populares — especialmente a Padre Cícero Romão Batista, a Nossa Senhora Aparecida e a Nossa Senhora das Dores — pedindo proteção e sorte no “campo de guerra”.

A religiosidade popular também moldava a maneira como eram vistos. Para muitos sertanejos pobres, os cangaceiros eram figuras ambíguas — ao mesmo tempo temidos e admirados. O uso de símbolos religiosos, as visitas a santuários, as promessas feitas e cumpridas criavam aura de misticismo em torno desses grupos, transformando-os em personagens quase lendários.



Regionalidade

Regionalidade no Ceará é uma inteligência do lugar. Não se limita a símbolos prontos: emerge do clima, da paisagem e das práticas de quem habita o território — do sertão ao litoral, das serras ao Cariri. Ela se revela na forma de construir, no uso de sombreamentos, pátios e varandas, na escolha de materiais ligados ao cotidiano e no valor dado ao fazer manual. Entre festas, cantos, histórias e ofícios, o Ceará reinventa suas referências sem perder a raiz: uma cultura viva que se transforma e permanece ao mesmo tempo.





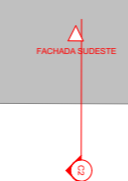
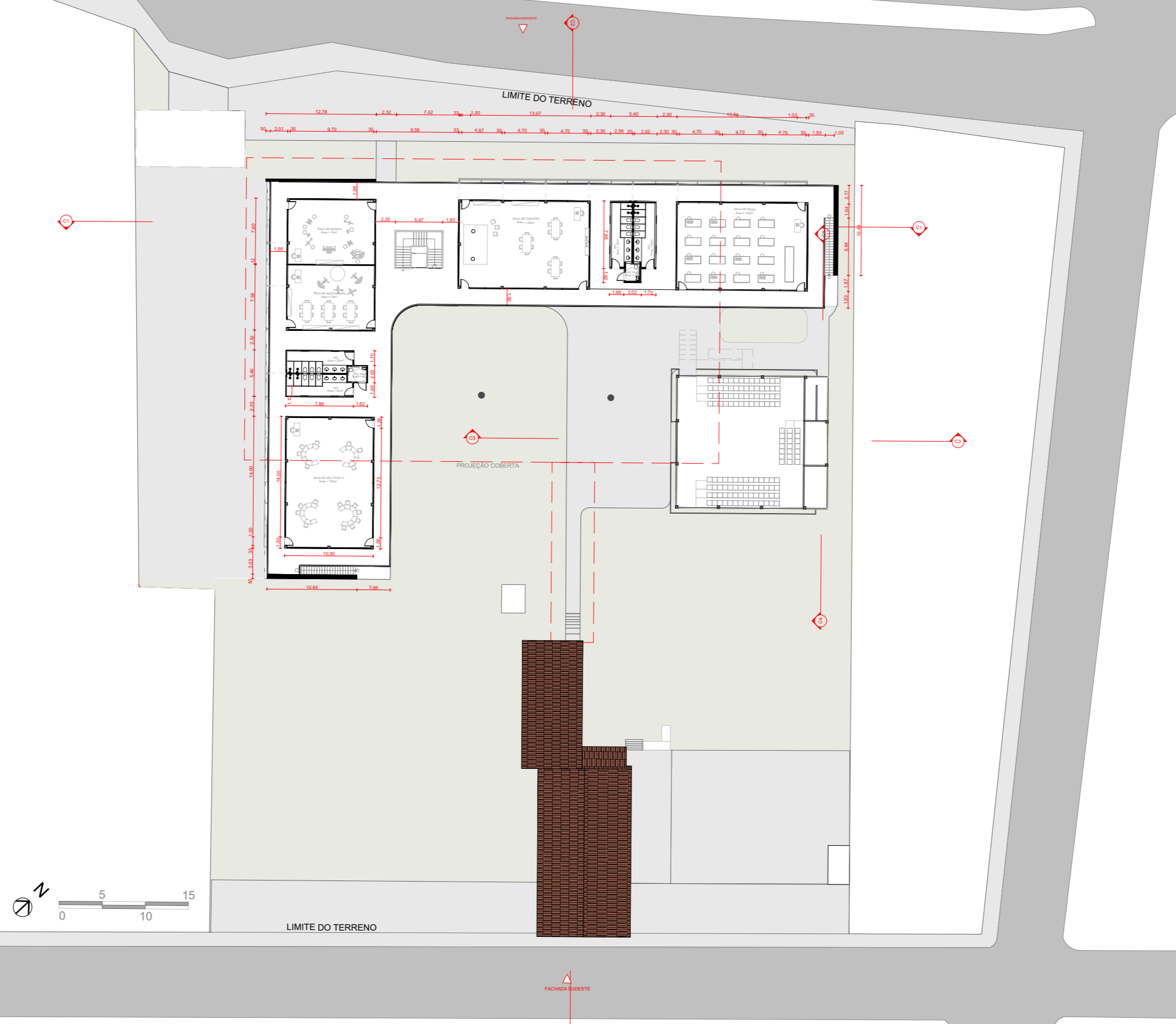
SALA PROFESSORES



COPA - ADM

PLANTA 1º PAV.

AMBIENTE	ÁREA M²
SALA DE MÚSICA	75
SALA AUDIOVISUAL	75
SALA DE MODA	150
SALA MULTIUSO 2	150
SALA DE THEATRO	150
WC SOCIAL	20
WC PNE	4





ATELIÊ DE ARTES PLÁSTICAS



ATELIÊ DE ARTES PLÁSTICAS



ATELIÊ DE ARTES PLÁSTICAS

AV. GENERAL OSÓRIO DE PAIVA

AV. GENERAL OSÓRIO DE PAIVA

AV. GENERAL OSÓRIO DE PAIVA

ACESSO DE VEICULOS

FACHADA NOROESTE

ACESSO SOCIAL

LAJE IMPERMEABILIZADA

LAJE IMPERMEABILIZADA

LAJE IMPERMEABILIZADA

LAJE IMPERMEABILIZADA

LAJE IMPERMEABILIZADA

LAJE IMPERMEABILIZADA

LAJE IMPERMEABILIZADA

COBERTA EM ESTRUTURA METÁLICA E POLICARBONATO COM PROTEÇÃO UV

LAJE IMPERMEABILIZADA

FECHAMENTO DA SEGUNDA PELE EM PLACA METÁLICA

COBERTA EM ESTRUTURA METÁLICA

TELHA CERÂMICA

LAJE IMPERMEABILIZADA

RUA EDUARDO PEREIRA

LIMITE DO TERRENO

AV. CONÉGO DE GASTRO

FACHADA SUDESTE

AV. CONÉGO DE GASTRO



AV. GENERAL OSÓRIO DE PAIVA

ACESSO DE VEÍCULOS

AV. GENERAL OSÓRIO DE PAIVA

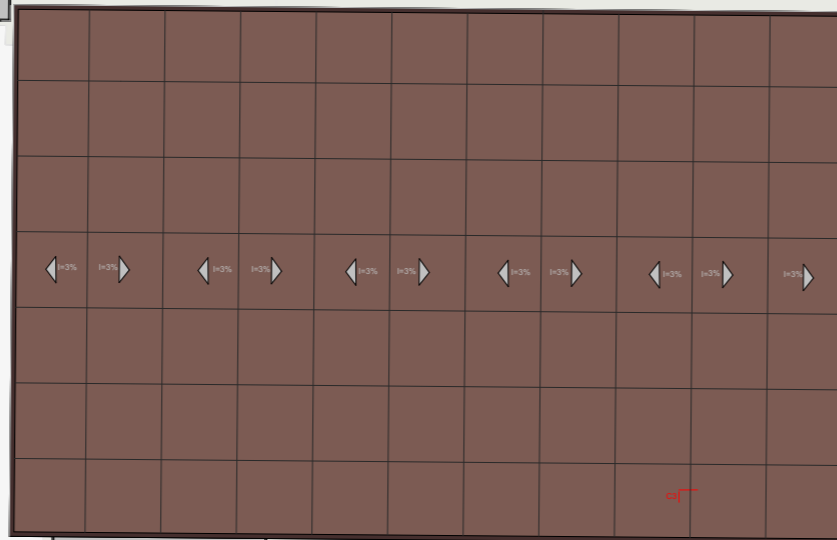
FACHADA NOROESTE

AV. GENERAL OSÓRIO DE PAIVA

ACESSO SOCIAL

LAJE IMPERMEABILIZADA

ca



LAJE IMPERMEABILIZADA

ca

LAJE IMPERMEABILIZADA

ca

LAJE IMPERMEABILIZADA

COBERTA EM ESTRUTURA METÁLICA E POLICARBONATO COM PROTEÇÃO UV

COBERTA EM ESTRUTURA METÁLICA

FECHAMENTO DA SEGUNDA PELE EM PLACA METÁLICA

TELA SERRAVALHA

TELA SERRAVALHA

LAJE IMPERMEABILIZADA



LIMITE DO TERRENO

AV. CONÉGO DE GASTRO

FACHADA SUDESTE

AV. CONÉGO DE GASTRO

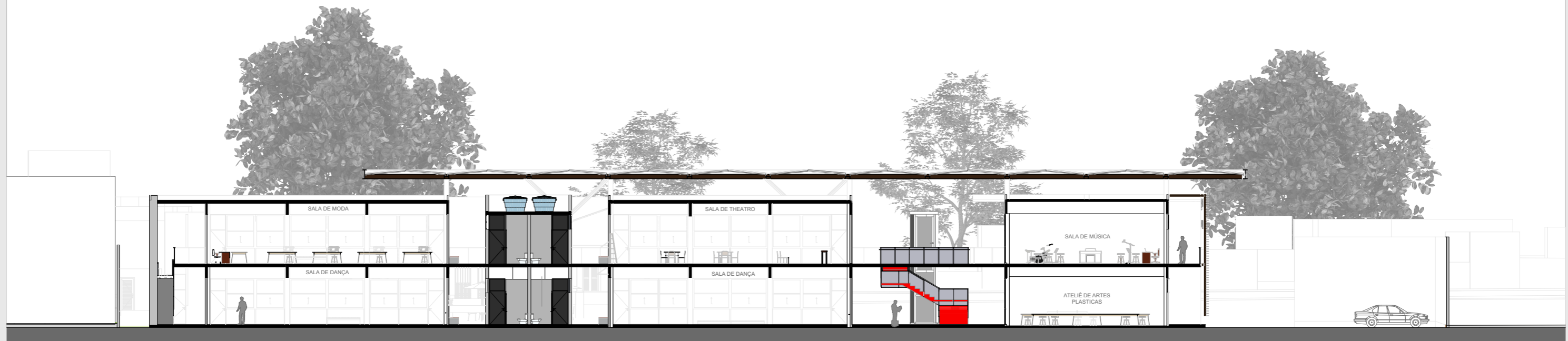
RUA EDUARDO PEREIRA



AUDITÓRIO



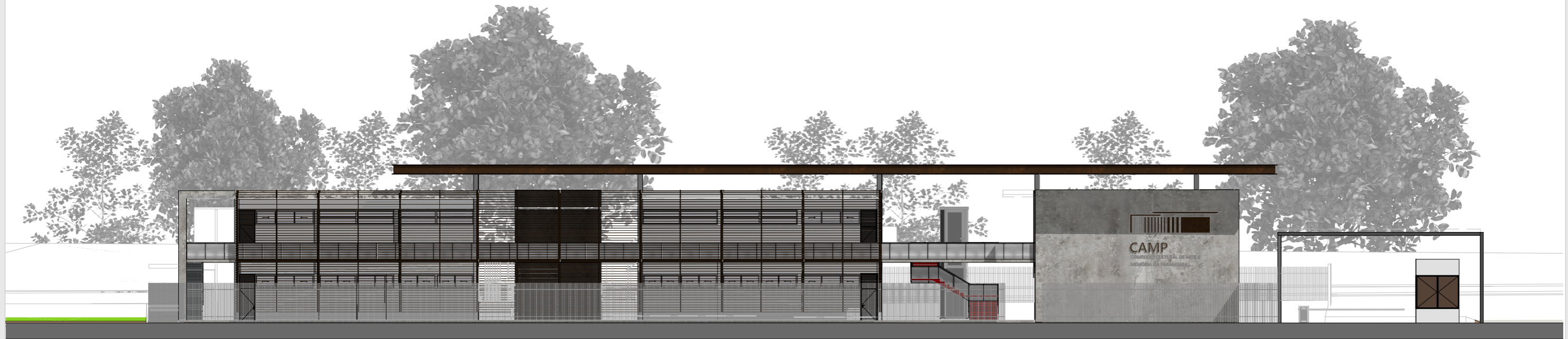
AUDITÓRIO



CORTE C1



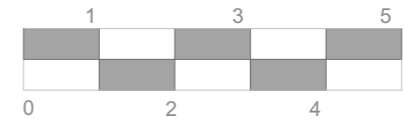
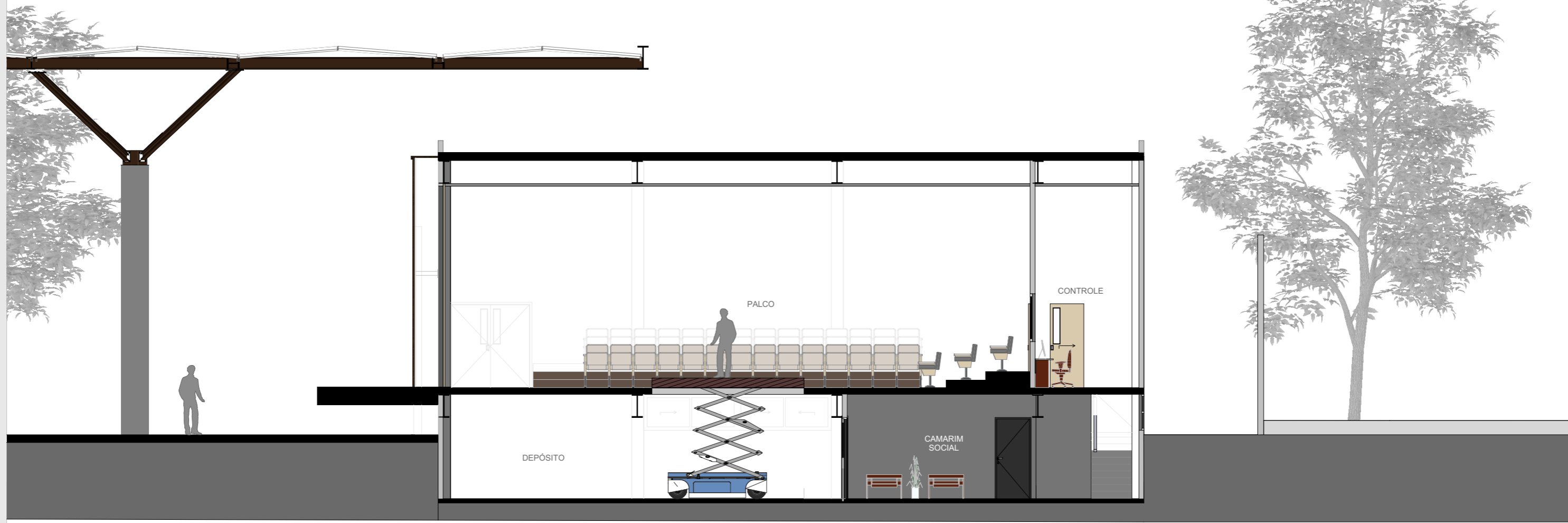
CORTE C2



FACHADA NOROESTE



FACHADA SUDOESTE



CORTE C3



CORTE C4



FACHADA DA CHÁCARA MEMORIAL



PÁTIU DA CHÁCARA PARQUE



CIRCULAÇÃO PARQUE



FACHADA DO CAMP - COMPLEXO CULTURAL



FACHADA DO CAMP - COMPLEXO CULTURAL



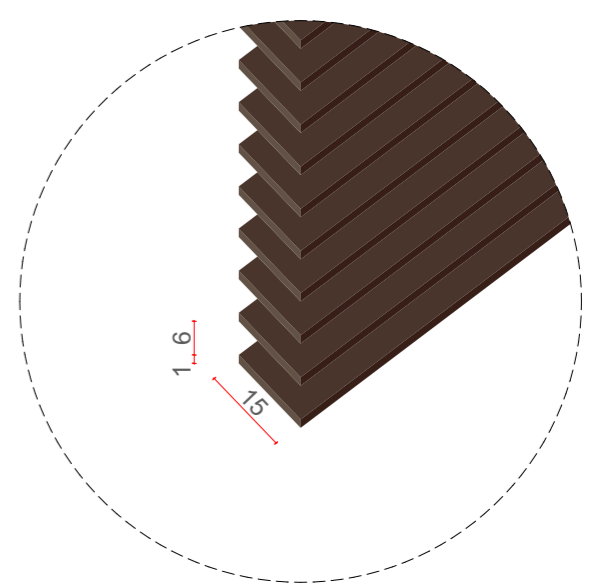
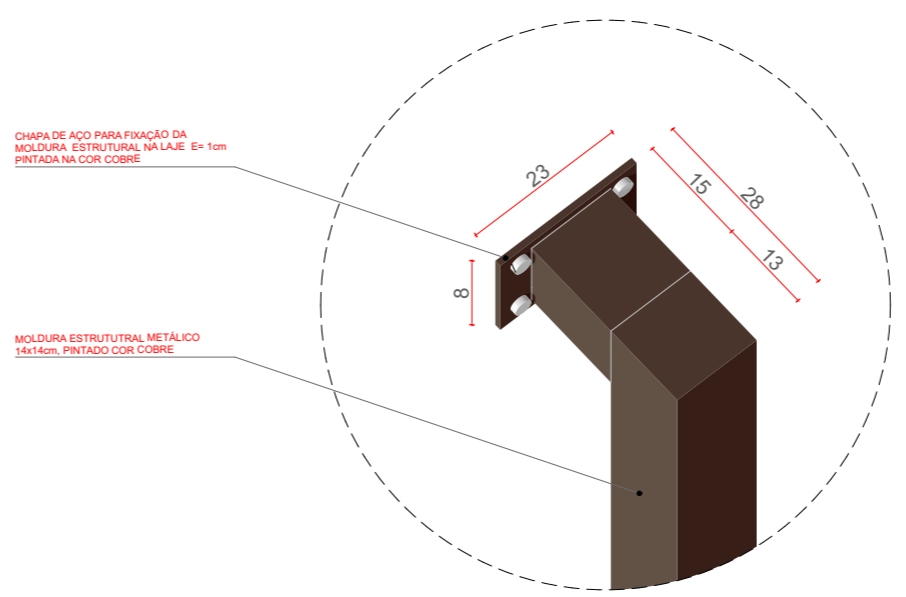
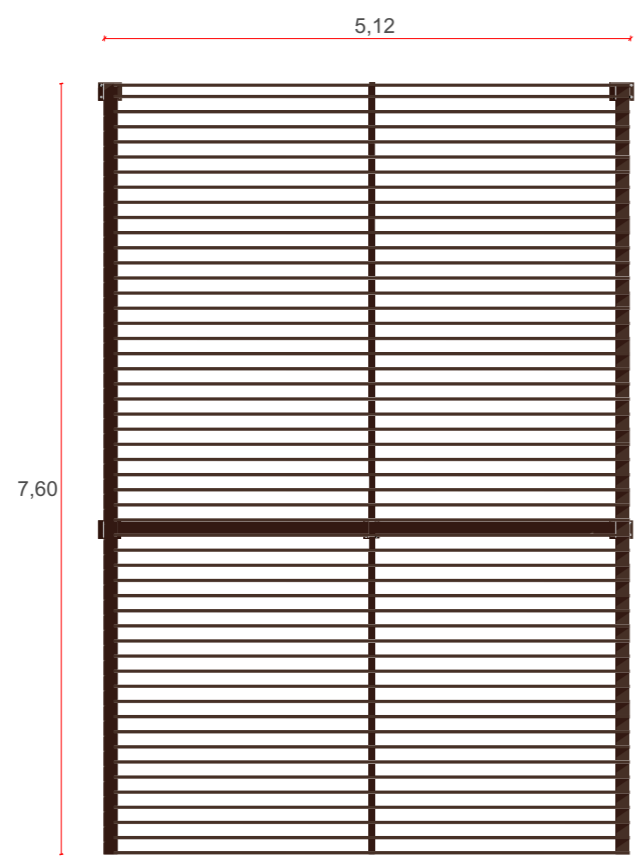
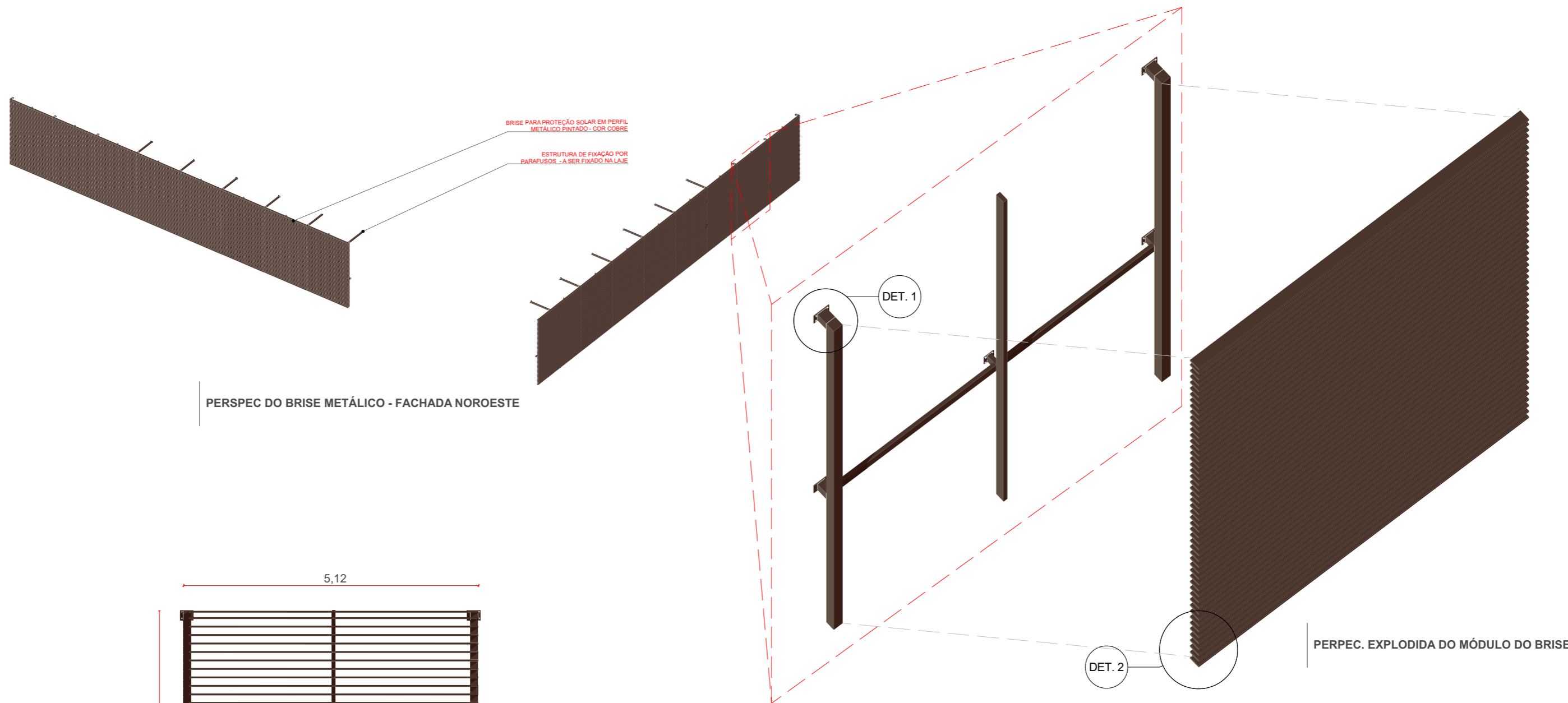
FACHADA DO CAMP - COMPLEXO CULTURAL



CIRCULAÇÃO PAV. SUPERIOR



CIRCULAÇÃO PAV. SUPERIOR



Lista de figuras

- Fig. 1 - Mapa de localização da Parangaba
- Fig. 2 e 3 - Tradicional feira da Parangaba que acontece aos domingos nas margens da lagoa.
- Fig. 4 e 5 - CUCA Jose Walter e CUCA Mondumbim - eventos infantis e aulas de fotografia.
- Fig. 6 - Releitura da obra de Tarsila do Amaral (1924) MAUC/USP, pelo aluno Eduardo (11 anos)
- Fig. 7 - Mapa de distribuição de equipamentos culturais
- Fig. 8 - CUCA Mondumbim
- Fig. 9 - Centro cultural Bom Jardim
- Fig. 10 - Mapa do Siará - 1629, de Albernaz com descarte para aldeia de Índios - atual Parangaba.
- Fig. 11 - estrada Fortaleza - Parangaba, 1929. Atual av. João Pessoa - já pavimentada.
- Fig. 12 - Estação de Arronches - Emílio Moitas
- Fig. 13 - Shopping Parangaba e entorno.
- Fig. 14 - Mapa de vias
- Fig. 15 - Mapa de distribuição de equipamentos culturais
- Fig. 16 - Fotografia da Fachada da chácara, na Rua Cônego de Castro
- Fig. 17 - Fotografia da interna da chácara.
- Fig. 18 - Fotografia da chácara - entrada
- Fig. 22 - Fotografia da chácara - sala de entrada
- Fig. 23 - Fotografia da chácara - sala interna
- Fig. 24 - Fotografia da chácara - varanda
- Fig. 25 - Fotografia da chácara - fundos
- Fig. 26 - Fotografia da chácara - anexo tardio
- Fig. 28 - Fotografia da Fachada museu Rodin
- Fig. 29 - Cortes Museu Rodin
- Fig. 30 - Diagrama extraído
- Fig. 31 - Diagrama gerado - 1
- Fig. 32 - Diagrama gerado - 2
- Fig. 33 - Fotografia Aérea do CUCA Barra
- Fig. 34 - Implantação CUCA Barra
- Fig. 35 - Diagrama extraído
- Fig. 36 - Diagrama gerado - 1
- Fig. 37 - Diagrama gerado - 2
- Fig. 38 - Fotografia da Fachada
- Fig. 39 - Planta de cobertura
- Fig. 40 - Diagrama extraído
- Fig. 41 - Diagrama gerado
- Fig. 42 - Diagrama gerado
- Fig. 43 - Av. General Osório de Paiva.
- Fig. 44 - Rua Eduardo Perdição
- Fig. 45 - Fachada da chácara Rua Cônego de Castro
- Fig. 46 - Rua Cônego de castro
- Fig. 47 - Mapa de usos
- Fig. 48 - Estação de metro da Parangaba
- Fig. 49 - FACHADA DA CHÁCARA MEMORIAL
- Fig. 50 - FACHADA DO CAMP - COMPLEXO CULTURAL
- Fig. 51 - Ateliê de artes plásticas - Pav. Térreo
- Fig. 52 - Auditório - Pav. Térreo
- Fig. 53 - Recepção do Memorial - Pav. Térreo
- Fig. 54 - RECEPÇÃO - CHÁCARA MEMORIAL
- Fig. 55 - RECEPÇÃO - CHÁCARA MEMORIAL
- Fig. 56 - RECEPÇÃO - CHÁCARA MEMORIAL
- Fig. 57 - SALA DE EXPOSIÇÃO 1
- Fig. 58 - SALA DE EXPOSIÇÃO 1
- Fig. 59 - SALA DE EXPOSIÇÃO 2
- Fig. 60 - SALA PROFESSORES
- Fig. 61 - COPA - ADM
- Fig. 62 - ATELIÊ DE ARTES PLÁSTICAS
- Fig. 63 - ATELIÊ DE ARTES PLÁSTICAS
- Fig. 64 - ATELIÊ DE ARTES PLÁSTICAS
- Fig. 65 - AUDITÓRIO
- Fig. 66 - AUDITÓRIO
- Fig. 67 - FACHADA DA CHÁCARA MEMORIAL
- Fig. 68 - PÁTIU DA CHÁCARA PARQUE
- Fig. 69 - CIRCULAÇÃO PARQUE
- Fig. 70 - FACHADA DO CAMP - COMPLEXO CULTURAL
- Fig. 71 - FACHADA DO CAMP - COMPLEXO CULTURAL
- Fig. 72 - FACHADA DO CAMP - COMPLEXO CULTURAL
- Fig. 73 - CIRCULAÇÃO PAV. SUPERIOR
- Fig. 74 - CIRCULAÇÃO PAV. SUPERIOR

Este trabalho nasceu de um sentimento de necessidade e, a partir desse insight, mergulhou em dados urbanos, pesquisas sobre educação e arte, e na observação de como equipamentos culturais já existentes impactam a vida das pessoas. A resposta desse processo foi a criação de um equipamento que sintetiza esses aprendizados, reafirmando a importância de uma prática projetual que olha para as vulnerabilidades comunitárias.

Ao longo desse percurso, o trabalho se tornou não apenas um projeto acadêmico, mas também um processo muito edificante. As trocas com meu orientador foram muito enriquecedoras, os direcionamentos, aprofundamento e o olhar crítico que me levou a um novo patamar de confiança e capacidade. Mergulhar na história do meu próprio bairro, compartilhar essa jornada com outras pessoas e perceber que o projeto inspira e isso é uma troca incrível. Esse TCC, que começou como um insight pessoal se transformou em algo que ressoa e motiva uma rede de pessoas ao redor, foi muito gratificante chegar até aqui.

A arte é realmente transformadora.

Considerações finais

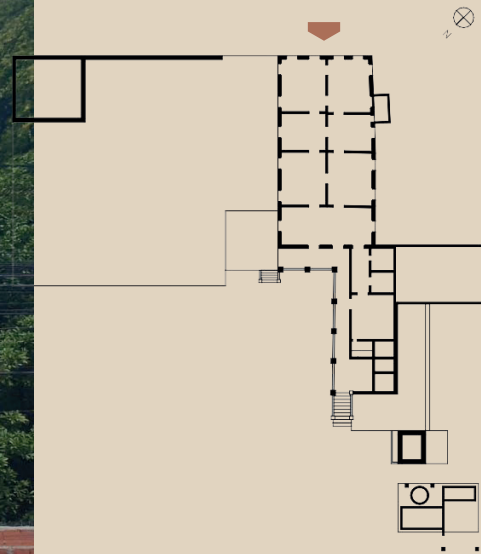
Anexos

fotografias e mapa de danos. -
Elayne Cristina Rocha de Oliveira, em
2022.

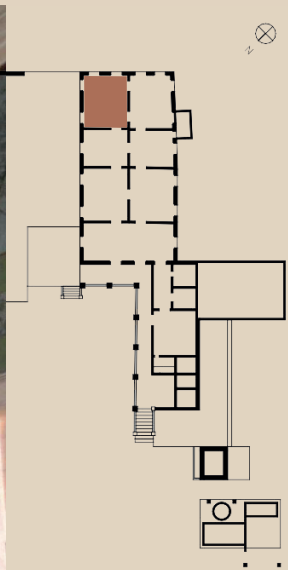
Os anexos apresentados a seguir
foram extraídos do Trabalho de
Conclusão de Curso (TCC) de
graduação de Elayne Rocha de
Oliveira e utilizados como referência
bibliográfica para o desenvolvimento
deste projeto

APÊNDICE A

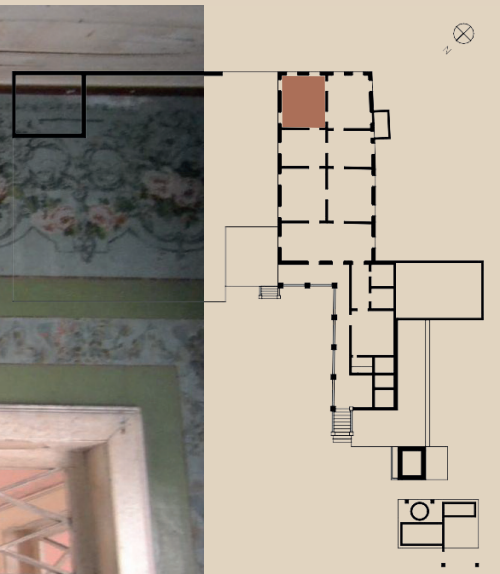
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DE LEVANTAMENTO



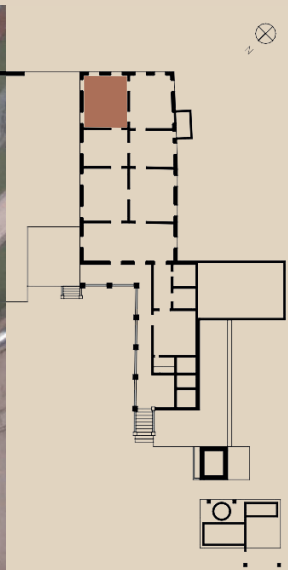
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



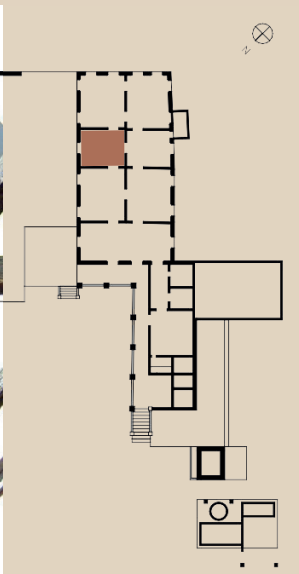
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



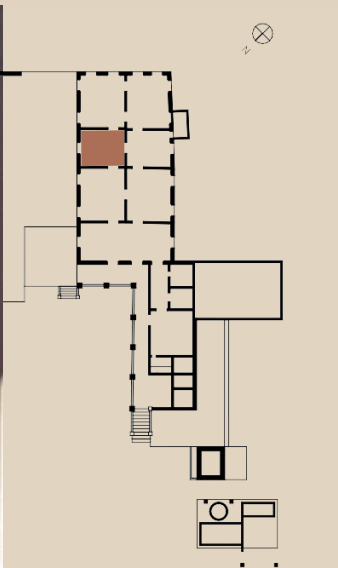
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



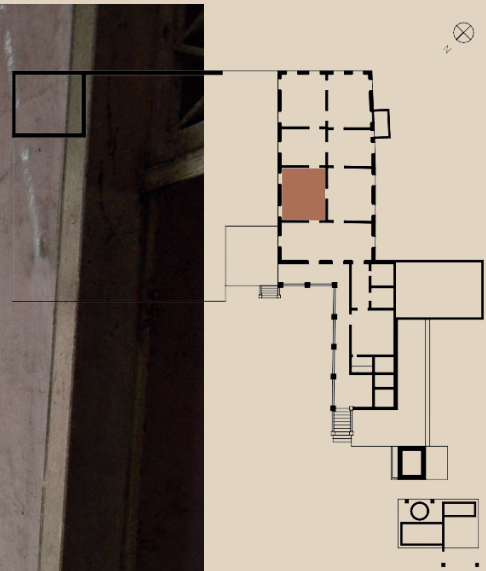
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



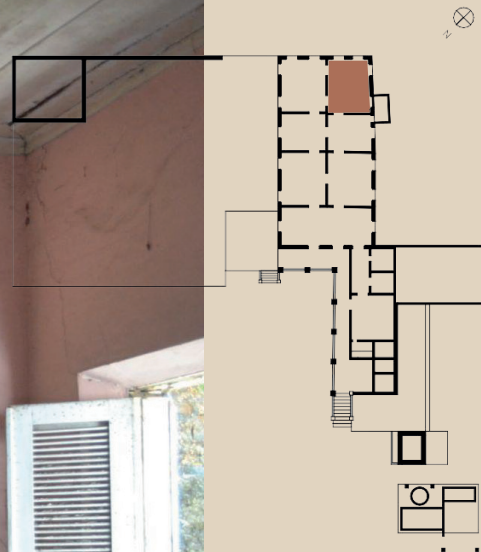
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



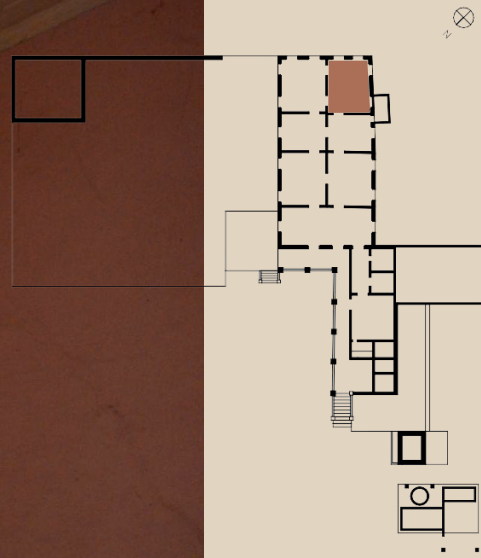
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



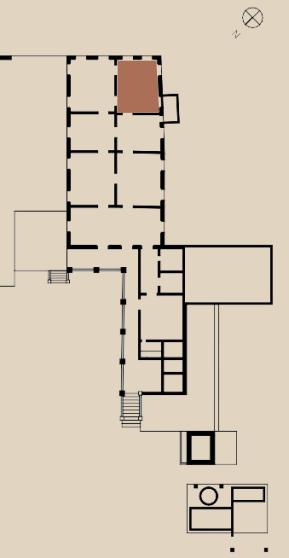
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



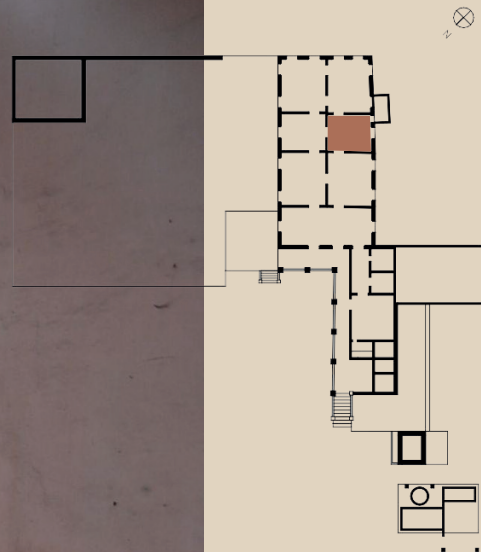
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



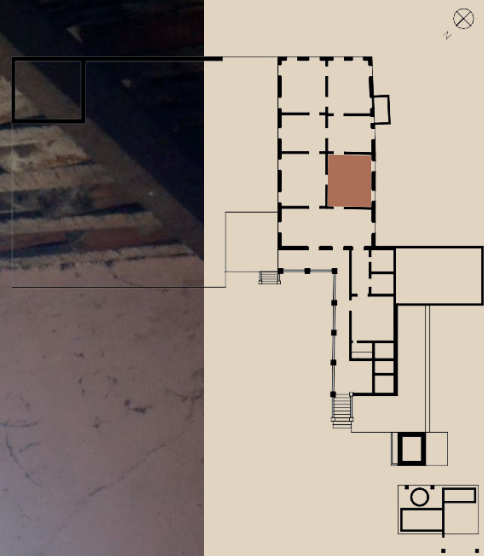
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



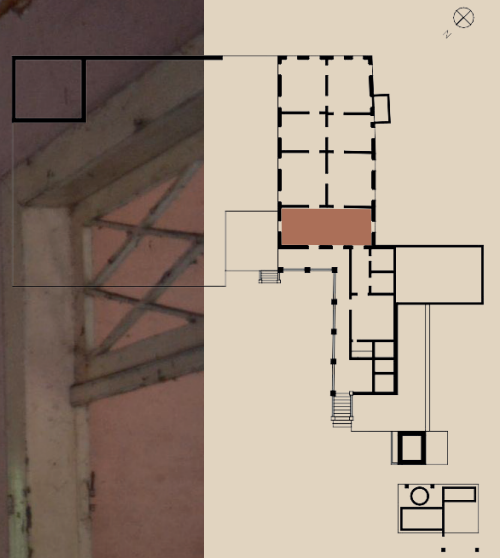
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



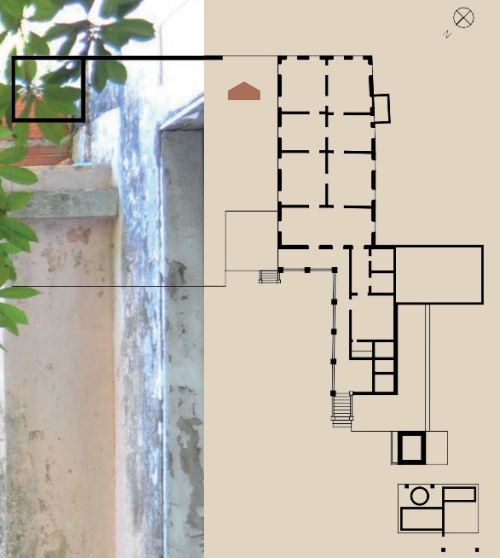
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



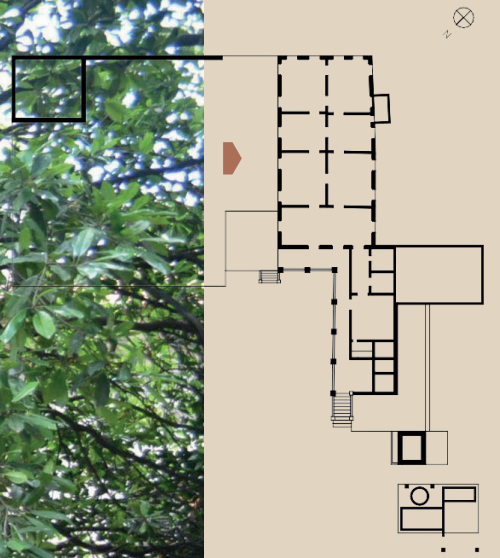
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



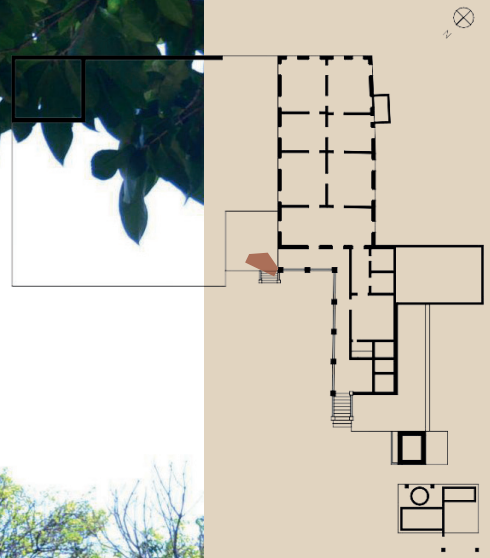
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



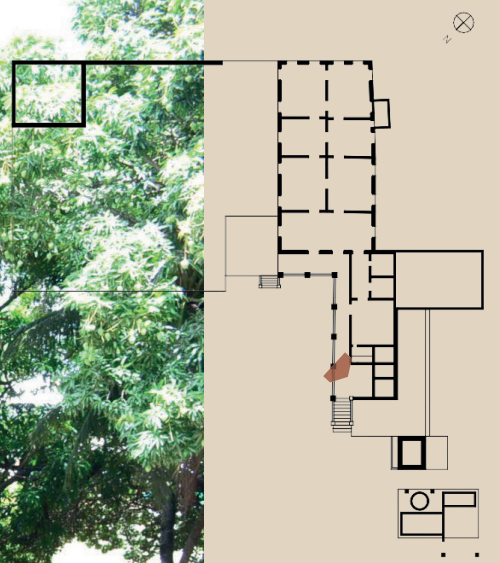
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



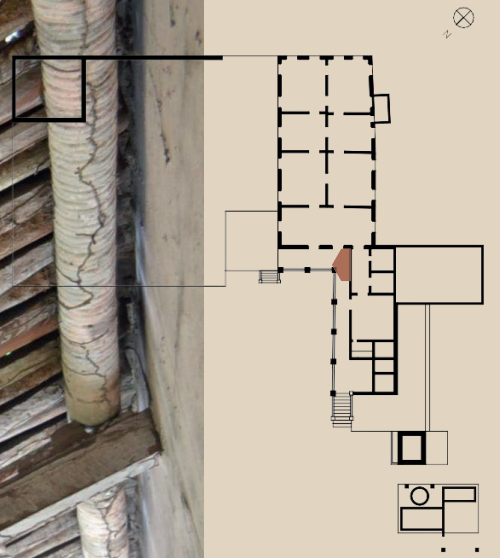
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



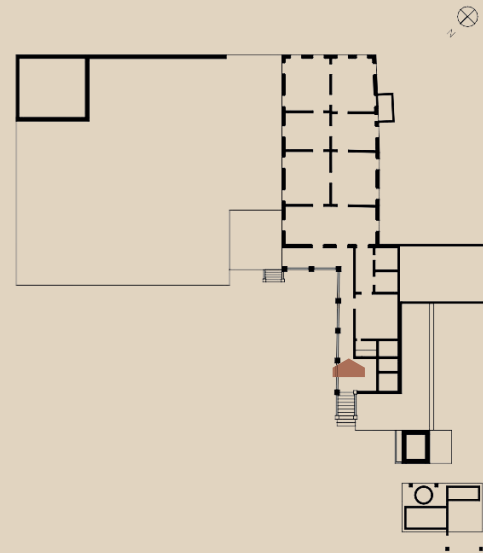
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



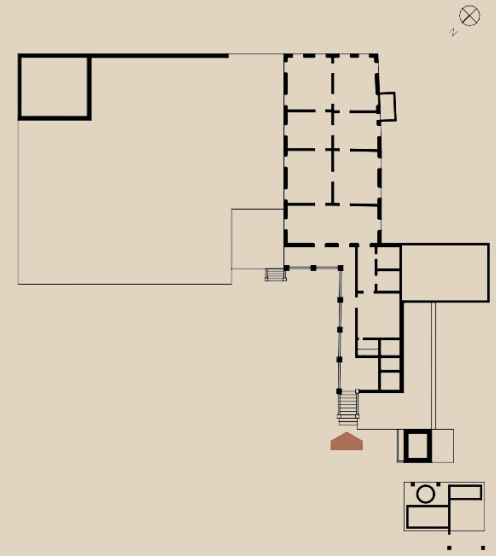
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



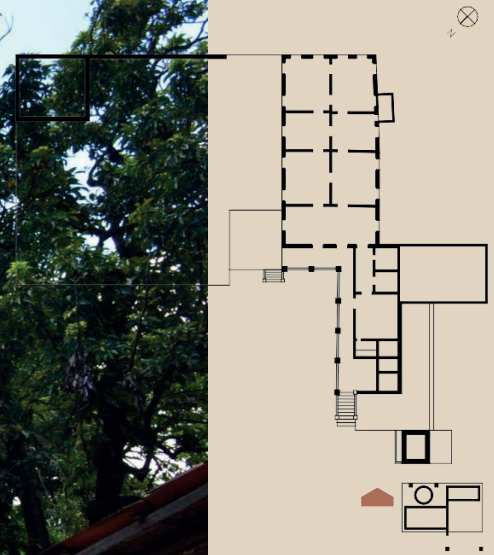
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



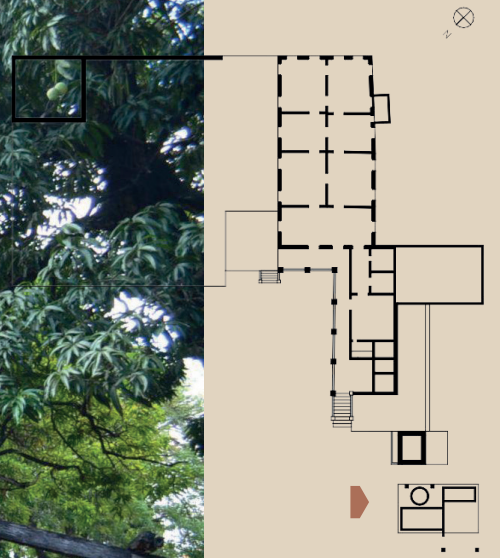
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



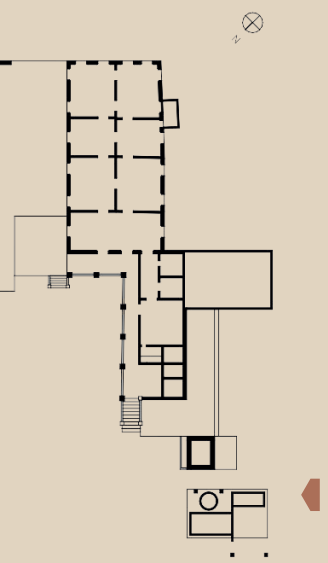
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



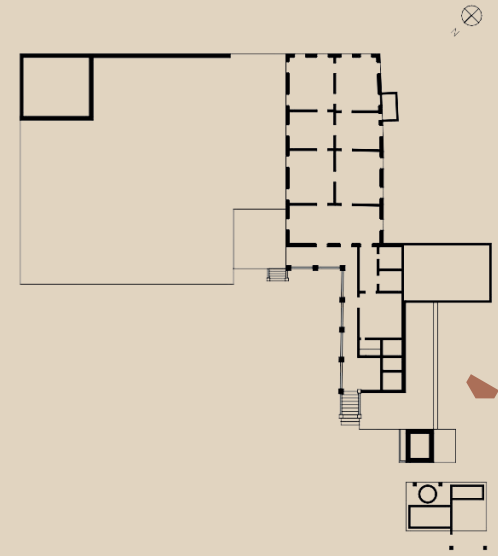
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



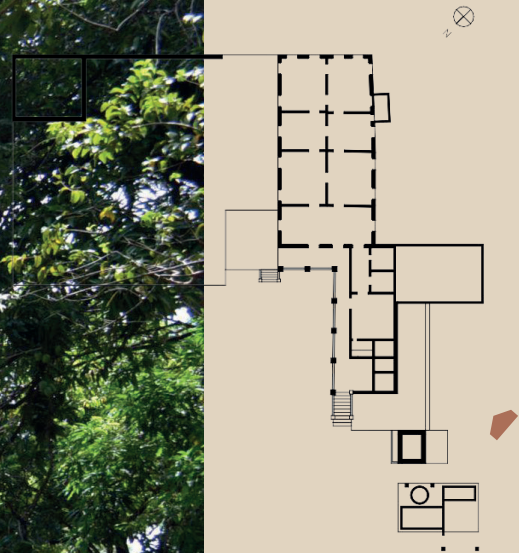
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



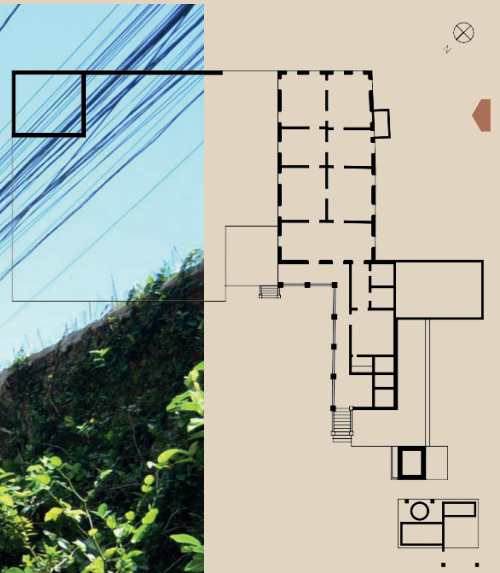
Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso



Registro do levantamento
fotográfico realizado.
Fotos autorais e do
Marcelo Capasso

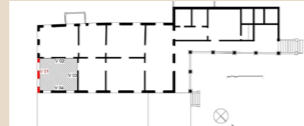
APÊNDICE B

FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO
DE DANOS

Local no edifício:
Sala de visitas

Conteúdo
V01

Croqui de localização do cômodo:



Pesquisa histórica (Cronologia ocupação da casa):

1877 - 1977

Construção da Casa.

1877 - 1997 ATÉ 1954

POSSE de Lívio Cavalcante de Arruda († 1894) e Maria do Rosário Bezerra de Arruda († 1898)

1954 ATÉ 1996

POSSE de João Paulo Holanda († 1907) e Lucía Nilza Frota de Holanda († 1910)

1997 ATÉ 2022

VENDIDA para lojas Paraíso, hoje massa falida. POSSE de um dos filhos ATÉ 20?? quando houve remoção e venda para uma construtora.



REPRESENTAÇÃO COM BASE EM NEGREI E RUSSO



DANO

PERDA DE ELEMENTOS



ESFOLIAÇÃO



DEFORMAÇÃO



DESAGREGAÇÃO



ALTERAÇÃO CROMÁTICA



EFLORESCÊNCIA



COLONIZAÇÃO BIOLÓGICA



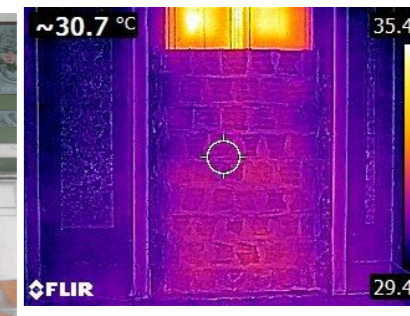
DEPÓSITO



INCROSTAÇÃO

Dia	18/11/2021	29/11/2021	3/11/2021	21/1/2022
Atividade realizada	Croqui planta baixa geral e levantamento fotográfico.	Croqui planta baixa geral e levantamento fotográfico.	Levantamento de elementos faltantes, breve análise da sala de visita com termocâmara e higrômetro.	Levantamento de elementos de fachada.
Equipamentos	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papeis e lápis.	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papeis, lápis e escada extensiva.	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papeis, lápis e escada extensiva.	Celular, prancheta, papeis e lápis.
Presentes	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza.	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza, Mario Fundarò	Elayne de Oliveira e Esmeralda Souza
Clima	Úmido, ensolarado.	Úmido, ensolarado.	Seco, ensolarado.	Seco, ensolarado.

Ensaios realizados com Termocâmara



	Análise		
	Construtiva estrutural		Estado de conservação
	Materiais	Tecnologias	Danos
Alvenaria	Tijolo branco de diatomita e argamassa.	Alvenarias portantes duplas. Assentamento a chato 1/2 (36cm).	Alvenaria degradada para passagem de fiação. Acréscimo recente indevido nas esquadrias.
Reboco	Cal e areia.	Convencional de 3 camadas espessura aprox. de 30 mm.	Perda de elementos.
Pintura	Tinta à base d'água.	Pintura parietal ornamental com motivos fitomórficos elaboradas por meio de estresido*.	Presença de depósito superficial, descamação da pintura original e alteração cromática.
Esquadrias	Esquadrias em madeira pintadas de branco.	Porta de abrir com duas folhas duplas, persianas e vitrais na folha exterior (fachada).	Sujidades.
Alvenaria recente	Tijolo convencional.	Informação não relevante.	Acréscimo impróprio recente de tijolos cerâmicos, vedando cerca de 70% da visualização e 100% a abertura da esquadria.

Avaliação				
Testes realizados	Principais causas	Origem	Natureza	Agentes
Teste visual.	Intervenção inadequada.	Novas necessidades do imóvel.	Acréscimo de elementos, intervenções destrutivas removendo partes físicas e expondo a alvenaria a intempéries.	Antrópico.
Teste visual.	Falta de manutenção e intervenção inadequada.	Descaso e Novas necessidades do imóvel.	Perda de elementos físicos, expondo alvenaria.	Antrópico.
Teste visual e com a termocâmara.	Falta de manutenção adequada.	Obsolência do imóvel.	Perda de elementos pictóricos pela descamação e repintura.	Químico e antrópico.
Teste visual.	Falta de uso da casa.	Obsolência do imóvel.	Acréscimo físico-químico de materiais.	Antrópico.
Teste visual.	Intervenção inadequada.	Aumento das invasões na casa.	Acréscimo físico-químico de materiais.	Antrópico.

Proposta	
Identificação de possíveis soluções	
Remoção da fiação exposta, ripsitno sistema elétrico externo conforme norma e vedação dos furos de passagem com argamassa similar à existente.	
Recomposição reboco com tecnica similar a existente. Consolidação partes soltas de suporte a pintura ornamental com injeção de Argamassa Pozolânica ativada por Cal Virgem	
Limpeza do depósito superficial com absorventes (material biológico) e aplicação de película protetora em toda a superfície da parede.	
Limpeza do depósito superficial com absorventes (material biológico) e aplicação de película protetora em toda a superfície da esquadria.	
Remoção do acréscimo indevido nas esquadrias com equipamentos mecânicos manuais, recuperação dos elementos de esquadria provavelmente danificados, repintura dos elementos.	

Análise

A vista 01 consta a alvenaria da sala de visitas e está orientada a leste do ambiente, fazendo limite da casa com a rua Cônego Castro. Dessa forma, é uma parede diretamente exposta à umidade externa, tendo em vista que a chuva de Fortaleza segue, majoritariamente, a ventilação, que por sua vez possui o sentido leste-oeste. Como pode-se observar nas imagens, há um acúmulo de umidade nas extremidades da parede e nos limites da intervenção inadequada para vedação das esquadrias. O restante da parede está com temperatura agradável, dada a técnica construtiva utilizada nas alvenarias externas (fiada de tijolo dupla). Por sua vez, a esquadria está com alta temperatura, apesar da sua baixa condutibilidade térmica, no período do registro (manhã do dia 03/11/2021) esta parede estava diretamente exposta ao sol. Não se nota forte presença de patologias ligadas a umidades ascensional, cristalização de sais e problemas estruturais relevantes

* Tabela utilizada por [liberal] do Castro no diagnóstico e Relatório Conselho Mata e 20

Chácara Memorial Porangaba

Residencial

Fachada principal: Rua Cônego Castro, 164 - Parangaba

Fortaleza-CE

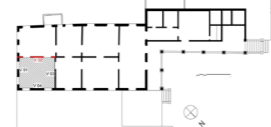
2022

Avaliação com imagens termográficas

Local no edifício:
Sala de visitas

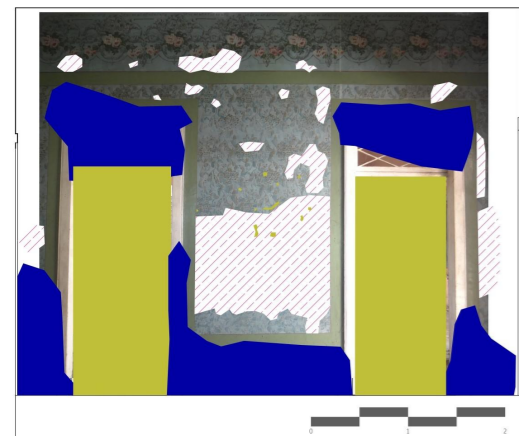
Conteúdo
V02

Croqui de localização do cômodo:

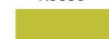


Pesquisa histórica (Cronologia ocupação da casa):

1877 - 1977	1877 - 1977	1954 ATÉ 1954	1954 ATÉ 1996	1997 ATÉ 2022
Construção da Casa.	POSSE de Lívio Cavalcante de Arruda († 1894) e Maria do Rosário Bezerra de Arruda († 1898)		POSSE de João Paulo Holanda († 1907) e Lucía Nilza Frola de Holanda († 1910)	VENDIDA para lojas Paraíso, hoje massa falida. POSSE de um dos filhos ATÉ 20?? quando houve remoção e venda para uma construtora.



REPRESENTAÇÃO COM BASE EM NEGRÍ E RUSSO



DANO

PERDA DE ELEMENTOS



ESFOLIAÇÃO



DEFORMAÇÃO



DESAGREGAÇÃO



ALTERAÇÃO CROMÁTICA



EFLORESCÊNCIA



COLONIZAÇÃO BIOLÓGICA



DEPÓSITO



INCROSTAÇÃO

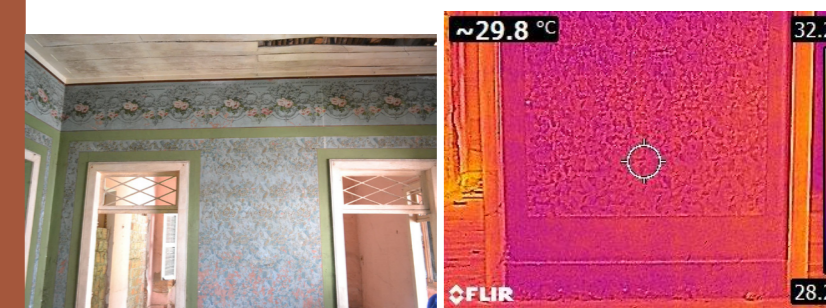
Dia	18/11/2021	29/11/2021	3/11/2021	21/1/2022
Atividade realizada	Croqui planta baixa geral e levantamento fotográfico.	Croqui planta baixa geral e levantamento fotográfico.	Levantamento de elementos faltantes, breve análise da sala de visita com termocâmara e higrômetro.	Levantamento de elementos de fachada.
Equipamentos	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papeis e lápis.	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papeis, lápis e escada extensiva.	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papeis, lápis, escada extensiva, higrômetro Termo-higrômetros de Modelo GANN, Hygrometro BL Compact B2, com sonda a esfera, com pinhos duplos e com sensor de umidade do ar. (Compact TF-IR) e termocâmara FLIR, E6.com precisão de +- 2 c com temperaturas entre 10 e 35c.	Celular, prancheta, papeis e lápis.
Presentes	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza.	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza, Mario Fundarò	Elayne de Oliveira e Esmeralda Souza
Clima	Úmido, ensolarado.	Úmido, ensolarado.	Seco, ensolarado.	Seco, ensolarado.

	Análise		
	Construtiva estrutural		Estado de conservação
	Materiais	Tecnologias	Danos
Alvenaria	Tijolo branco de diatomita e argamassa.	Alvenarias portantes duplas. Assentamento a chato 1/2 (18cm).	Perda de elementos.
Reboco	Cal e areia.	Convencional de 3 camadas espessura aprox. de 30 mm.	Perda de elementos.
Pintura	Tinta à base d'água.	Pintura parietal ornamental com motivos fitomórficos elaboradas por meio de estresido*.	Presença de depósito superficial e descamação da pintura original.
Esquadrias	Guarnição e bandeira em madeira pintadas de branco, folhas das portas removidas.	Portas de abrir convencional com duas folhas e bandeira superior.	Depósito superficial e perda de elementos (folha das portas).

Avaliação				
Testes realizados	Principais causas	Origem	Natureza	Agentes
Teste visual.	Furos provocados por pregos e/ou parafusos.	Novos usos do cômodo.	Alteração física da estrutura.	Antrópico.
Teste visual.	Falta de manutenção, descaso. Furos provocados por pregos e/ou parafusos.	Novos usos do cômodo.	Alteração física da estrutura.	Antrópico.
Teste visual:	Falta de manutenção adequada.	Obsolência do imóvel.	Perda de elementos pictóricos pela descamação e repintura.	Químico e antrópico.
Teste visual e com a termocâmara.	Vandalismo.	Aumento das invasões na casa.	Alteração física da estrutura (remoção de elementos) e sujidade.	Antrópico.

Proposta	
Identificação de possíveis soluções	
Recomposição partes faltantes com tijolo diatomita similar ao existente. Vedação dos furos com argamassa similar à existente.	
Recomposição reboco com tecnica similar a existente. Vedação dos furos com argamassa similar à existente.	
Limpeza de sujidades com absorventes (material biológico) e aplicação de película protetora em toda a superfície da parede.	
Limpeza de sujidades com absorventes (material biológico) das guarnições e bandeiras, substituição das folhas das portas por folhas de vidro com aplicação de película.	

Ensaios realizados com termocâmara



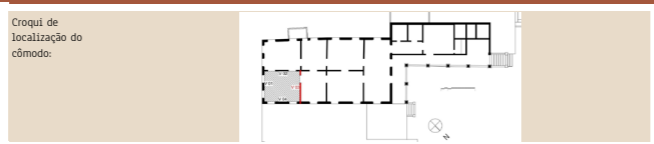
Análise

A vista 02 consta a alvenaria da sala de visitas e está orientada a sul, fazendo limite do cômodo com a sala seguinte. É uma parede que não está exposta a muitas intempéries, praticamente apenas a ação humana. Na alvenaria entre as duas esquadrias percebe-se furos feitos a partir da instalação de pregos e/ou parafusos, devido às novas necessidades dos moradores, o que acabou prejudicando partes pequenas da alvenaria, reboco e pintura. As folhas das esquadrias foram totalmente removidas, restando apenas algumas ferragens, a bandeira e a guarnição, que estão em bom estado, necessitando apenas de limpeza e pequenos ajustes. Não se nota presença de patologias ligadas a umidades ascensional, cristalização de sais, perdas de materialida e problemas estruturais relevantes

* Termo utilizado por Liberal de Castro no artigo sobre o Palacete Carvalho Mota p. 69.

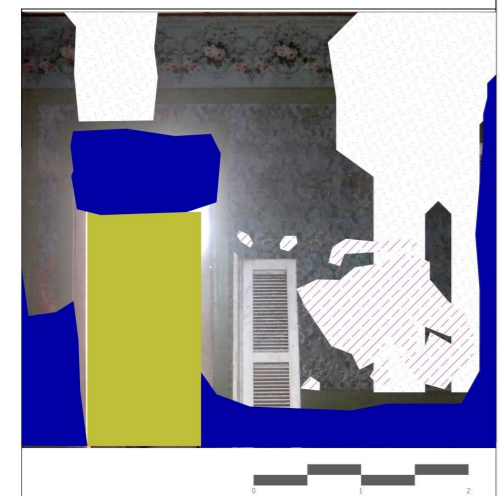
Local no edifício:
Sala de visitas

Conteúdo
V03



Pesquisa histórica (Cronologia ocupação da casa):

1877 - 1977	1877 - 1997? ATÉ 1954	1954 ATÉ 1996	1997 ATÉ 2022
Construção da Casa.	POSSE de Lívio Cavalcante de Arruda († 1894) e Maria do Rosário Bezerra de Arruda († 1898)	POSSE de João Paulo Holanda († 1907) e Lucía Nilza Frota de Holanda († 1910)	VENDIDA para lojas Paraíso, hoje massa falida. POSSE de um dos filhos ATÉ 20?? quando houve remoção e venda para uma construtora.



REPRESENTAÇÃO COM BASE EM NEGRI E RUSSO	DANO
	PERDA DE ELEMENTOS
	ESFOLIAÇÃO
	DEFORMAÇÃO
	DESAGREGAÇÃO
	ALTERAÇÃO CROMÁTICA
	EFLORESCÊNCIA
	COLONIZAÇÃO BIOLÓGICA
	DEPÓSITO
	INCROSTAÇÃO

Dia	18/11/2021	29/11/2021	3/11/2021	21/1/2022
Atividade realizada	Croqui planta baixa geral e levantamento fotográfico.	Croqui planta baixa geral e levantamento fotográfico.	Levantamento de elementos faltantes, breve análise da sala de visita com termocâmara e higrômetro.	Levantamento de elementos de fachada.
Equipamentos	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papeis e lápis.	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papeis, lápis e escada extensiva.	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papeis, lápis, escada extensiva, higrômetro Termo-higrômetros de Modelo GANN, Hygrometro BL Compact B2, com sonda a esfera, com pinhos duplos e com sensor de umidade do ar. (Compact TF-IR) e termocâmara FLIR, E6.com precisão de +- 2 c com temperaturas entre 10 e 35c.	Cellular, prancheta, papeis e lápis.
Presentes	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza.	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza, Mario Fundarò	Elayne de Oliveira e Esmeralda Souza
Clima	Úmido, ensolarado.	Úmido, ensolarado.	Seco, ensolarado.	Seco, ensolarado.

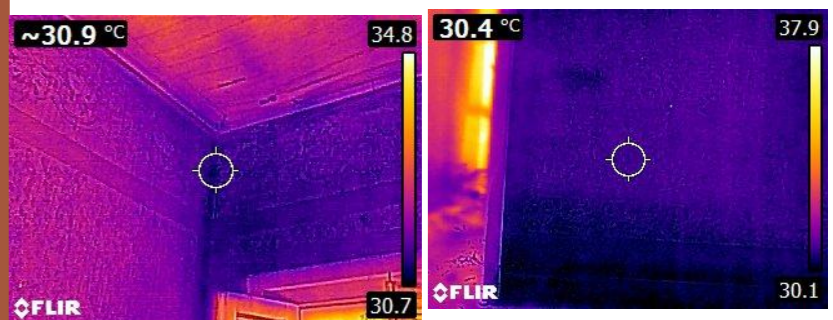
	Análise		
	Construtiva estrutural		Estado de conservação
	Materiais	Tecnologias	Danos
Alvenaria	Tijolo branco de diatomita e argamassa.	Alvenarias portantes duplas. Assentamento a chato 1/2 (18cm).	Alvenaria molhada. Disgregação material tijolos, perda de argamassa e elementos soltos
Reboco	Cal e areia.	Convencional de 3 camadas espessura aprox. de 30 mm.	Eflorescência e manchas de umidades
Pintura	Tinta à base d'água.	Pintura parietal ornamental com motivos fitomórficos elaboradas por meio de estresido*.	Presença de depósito superficial, descamação da pintura original, colonização biológica.
Esquadrias	Guarnição e bandeira em madeira pintadas de branco, folhas das portas removidas.	Porta de abrir convencional com duas folhas e bandeira superior.	Depósito superficial e perda de elementos (folha das portas).

Avaliação				
Testes realizados	Principais causas	Origem	Natureza	Agentes
Teste visual, com a termocâmara e o higrômetro.	Infiltração. Exposição à intempéries.	Queda da cobertura do cômodo vizinho. Falta de manutenção.	Alteração física e biológica da estrutura.	Físico, químico e biológico.
Teste visual, com a termocâmara e o higrômetro.	Umidade ascensional e cristalização dos sais.	Capilaridade	Alteração física e bilógica da estrutura.	Físico, químico e biológico.
Teste visual, com a termocâmara e o higrômetro.	Exposição à intempéries.	Queda da cobertura do cômodo vizinho. Obsolência do imóvel.	Perda de elementos pictóricos pela descamação.	Químico e antrópico.
Teste visual	Vandalismo.	Aumento das invasões na casa.	Alteração física da estrutura (remoção de elementos) e sujidade.	Antrópico.

Proposta	
Identificação de possíveis soluções	
Recomposição alvenaria com substituição tiolos diatomita danificados com novos e consolidação das partes soltas com argamassa. Recomposição do telhado	
Limpeza das manchas escuras com agua nebulizada nas areas com patologia. Barreira química: Método com oclusão capilar com injeção da resinas expositivas até saturação da alvenaria mediante difusores (tipolodifusão) - baixa pressão. Furos a h= 15cm.	
Aplicação de biocidas (azoto-organicos, triazine diluido em agua), combinado com ação mecânica manual de espátula e aplicação de película protetora em toda a superfície da parede.	
Limpeza de sujidades das guarnições e bandeiras, substituição das folhas das portas por folhas de vidro com aplicação de película.	



Ensaios realizados com Termocâmara

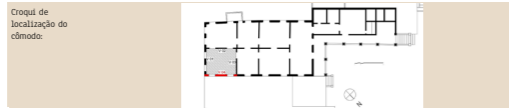


Análise

A vista 03 consta a alvenaria da sala de visitas e está orientada a oeste, fazendo limite do cômodo com a sala seguinte, a qual, por sua vez, não possuía mais a cobertura e madeiramento, aparentemente devido à queda da árvore externa a casa, por falta de manutenção e poda. É uma parede que está intensamente exposta a intempéries. Pelas imagens geradas a partir da termocâmara é possível visualizar a presença de umidade na parede, principalmente nas extremidades altas e nas partes inferiores, o que leva à sugestão de que além da exposição ocasionada pelo cômodo vizinho e danificação do telhado (infiltração de chuva), haja também ativa uma forte presença de umidade ascensional por capilaridade do subsolo, tendo em vista a proximidade com a lagoa da Parangaba e possível profundidade rasa do lençol freático. Esse seria um caso a ser mais estudado posteriormente, pois há baldrame alto na casa toda, sendo a infiltração por conta do acúmulo de água na base da parede e piso do cômodo sem cobertura. As folhas das esquadrias foram totalmente removidas, restando apenas algumas ferragens, a bandeira e a guarnição, necessitando de limpeza e ajustes.

* Termo utilizado por Liberal de Castro no artigo sobre o Palacete Carvalho Mota p. 69.

Local no edifício: Sala de visitas
Conteúdo: V04



1877 - 1977
Pesquisa histórica (Cronologia ocupação da casa):
Construção da Casa. POSSE de Lívio Cavalcante de Arruda († 1894) e Maria do Rosário Bezerra de Arruda († 1898)

1877 - 1997 ATÉ 1954
POSSE de Lívio Cavalcante de Arruda († 1894) e Maria do Rosário Bezerra de Arruda († 1898)

1954 ATÉ 1996
POSSE de João Paulo Holanda († 1907) e Lúcia Nilza Frota de Holanda († 1910)

1997 ATÉ 2022
VENDIDA para Lojas Paraíso, hoje massa falida. POSSE de um dos filhos ATÉ 20?? quando houve remoção e venda para uma construtora.



DANO

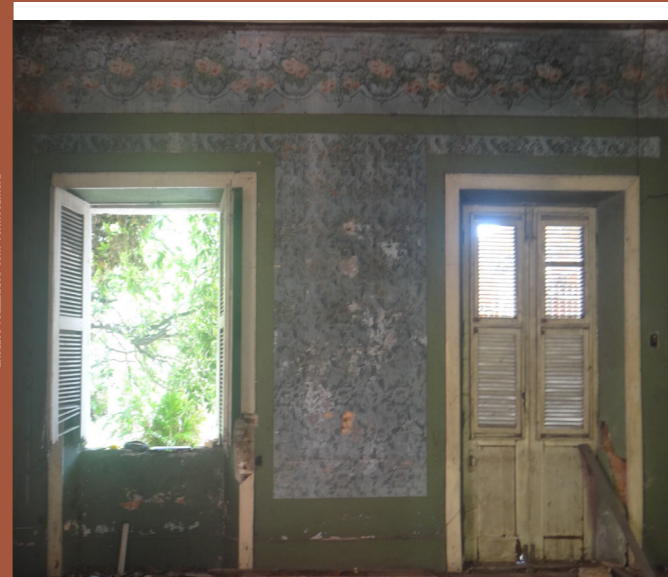
Data	18/11/2021	29/11/2021	3/11/2021	21/1/2022
Atividade realizada	Croqui planta baixa geral e levantamento fotográfico.	Croqui planta baixa geral e levantamento fotográfico.	Levantamento de elementos faltantes, breve análise da sala de visita com termocâmara e higrômetro.	Levantamento de elementos de fachada.
Equipamentos	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papéis e lápis.	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papéis, lápis e escada extensiva.	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papéis, lápis, escada extensiva, higrômetro Termo-higrômetros de Modelo GANN, Hygrometro Bl Compact B2, com sonda a esfera, com pinhos duplos e com sensor de umidade do ar. (Compact TF-IR) e termocâmara FLIR, E6.com precisão de +- 2 c com temperaturas entre 10 e 35c.	Celular, prancheta, papéis e lápis.
Presentes	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza, Mario Fundarò	Elayne de Oliveira e Esmeralda Souza
Clima	Úmido, ensolarado.	Úmido, ensolarado.	Seco, ensolarado.	Seco, ensolarado.

	Análise		
	Construtiva estrutural	Tecnologias	Estado de conservação
Alvenaria	Tijolo branco de diatomita e argamassa.	Alvenarias portantes duplas. Assentamento a chato 1/2 (36cm).	Perda de elementos.
Reboco	Cal e areia.	Convencional de 3 camadas espessura aprox. de 30 mm.	Eflorescência, manchas de umidade, distacamento
Pintura	Tinta à base d'água.	Pintura parietal ornamental com motivos fitomórficos elaboradas por meio de estresido*.	Presença de incrustação, esfoliação, colonização biológica (cupim).
Esquadrias	Guarnição e bandeira em madeira pintadas de branco, folhas das portas removidas.	Porta de abrir com duas folhas e persianas. Janela com duas folhas e persianas.	Depósito superficial e perda de elementos.

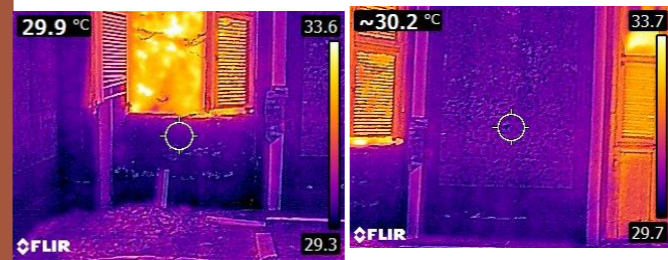
Avaliação						Proposta
Testes realizados	Principais causas	Origem	Natureza	Agentes		Identificação de possíveis soluções
Teste visual.	Intervenção inadequada.	Novos usos do cômodo.	Alteração física da estrutura (remoção).	Antrópico.		Vedação dos furos e preenchimento dos espaços mancantes com argamassa similar à existente.
Teste visual, com a termocâmara e higrômetro.	Umidade ascensional	capilaridade	Alteração física e biológica da estrutura.	Físico, químico e biológico.		Barreira química: Método com oclusão capilar com injeção da resinas epoxídicas até saturação da alvenaria mediante difusores (tipodifusão) - baixa pressão. Furos a h= 15cm.
Teste visual, com a termocâmara e higrômetro.	Exposição à intempéries, manutenção inadequada.	Falta de manutenção.	Perda de elementos pictóricos pela descamação, eflorescência e distacamento.	Físico, químico, biológico e antrópico.		Limpeza com água atomizada na incrustação. Aplicação de biocidas (azoto-organicos, triazine diluído em água), combinado com ação mecânica manual de espátula na colonização biológica e nas demais sujidades, limpeza com absorventes (material biológico). Aplicação de película protetora em toda a superfície da parede. Aplicação de tinta neutra na correção do distacamento.
Teste visual e com a termocâmara.	Vandalismo.	Aumento das invasões na casa.	Alteração física da estrutura (remoção de elementos) e sujidade.	Antrópico.		Limpeza das sujidades e recuperação dos elementos de esquadria.

Ficha de Testes

Tipo de avaliação: Avaliação com imagens termográficas



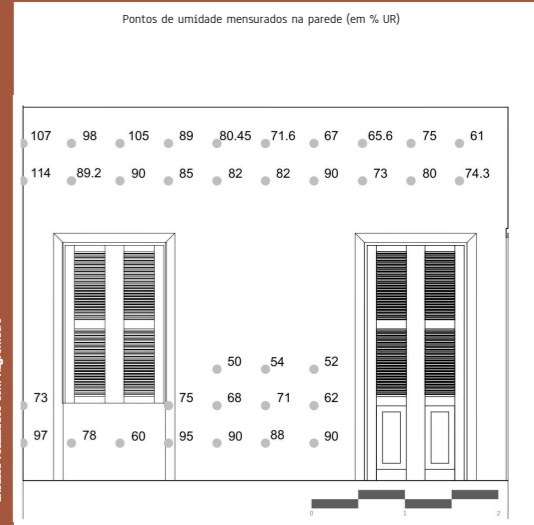
Ensaios realizados com Termocâmara



Análise

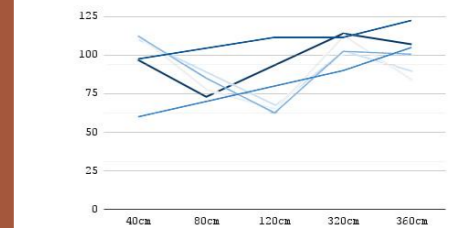
A vista 04 consta a alvenaria da sala de visitas e está orientada a norte, fazendo limite do cômodo com a parte externa da casa. Nota-se presença de cupim. É uma parede que, aparentemente, não está intensamente exposta a intempéries, mas, pelas imagens geradas a partir da termocâmara, visualiza-se a presença de umidade na parede, principalmente nas extremidades e abaixo da janela, o que leva à sugestão de que haja também uma infiltração advinda do subsolo, tendo em vista a proximidade com a lagoa da Parangaba e possível profundidade rasa do lençol freático. Esse seria um caso a ser mais estudado posteriormente, pois há baldrame alto na casa toda. As folhas das esquadrias estão bastante prejudicadas, necessitando de remoção para limpeza e ajustes.

Tipo de avaliação: Avaliação com higrômetro



Ensaios realizados com Higrômetro

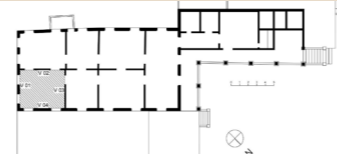
Gráfico para estimar o comportamento da umidade na alvenaria (indicadores verticais em % UR)



* Termo utilizado por Liberal de Castro no artigo sobre o Palacete Carvalho Mota p. 69.

Local no edifício:
Sala de visitas
Conteúdo
Piso, forro e coberta

Croqui de localização do cômodo:



1877 - 1977
1977 - 1997 ATÉ 1954
1954 ATÉ 1996
1997 ATÉ 2022

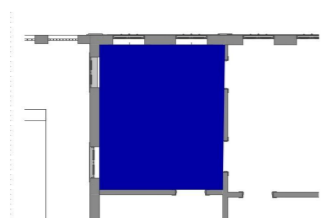
1877 - 1977
Construção da Casa.

1977 - 1997 ATÉ 1954
POSSE de Lívio Cavalcante de Arruda († 1894) e Maria do Rosário Bezerra de Arruda († 1898)

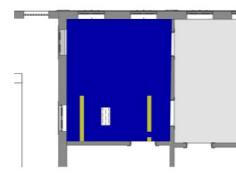
1954 ATÉ 1996
POSSE de João Paulo Holanda († 1907) e Lucia Nilza Frota de Holanda († 1910)

1997 ATÉ 2022
VENDIDA para lojas Paraíso, hoje massa falida. POSSE de um dos filhos ATÉ 20?? quando houve remoção e venda para uma construtora.

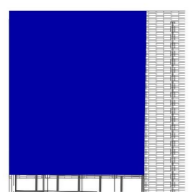
Esquema Piso



Esquema Forro



Esquema Cobertura



REPRESENTAÇÃO COM BASE EM NEGRI E RUSSO	DANO
	PERDA DE ELEMENTOS
	ESFOLIAÇÃO
	DEFORMAÇÃO
	DESAGREGAÇÃO
	ALTERAÇÃO CROMÁTICA
	EFLORESCÊNCIA
	COLONIZAÇÃO BIOLÓGICA
	DEPÓSITO
	INCROSTAÇÃO

Dia	18/11/2021	29/11/2021	3/11/2021	21/1/2022
Atividade realizada	Croqui planta baixa geral e levantamento fotográfico.	Croqui planta baixa geral e levantamento fotográfico.	Levantamento de elementos faltantes, breve análise da sala de visita com termocâmara e higrômetro.	Levantamento de elementos de fachada.
Equipamentos	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papeis e lápis.	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papeis, lápis e escada extensiva.	Trena laser 40m, trena longa 20m, trena de bolso 5m, máquina fotográfica semi profissional, celular, prancheta, papeis, lápis, escada extensiva, higrômetro Termo-higrômetros de Modelo GANN, Hygrometro BL Compact B2, com sonda a esfera, com pinhos duplos e com sensor de umidade do ar. (Compact TF-IR) e termocâmara FLIR, E6.com precisão de +- 2 c com temperaturas entre 10 e 35c.	Celular, prancheta, papeis e lápis.
Presentes	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza.	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza	Elayne de Oliveira, Marcelo Capasso, Esmeralda Souza, Mario Fundarò	Elayne de Oliveira e Esmeralda Souza
Clima	Úmido, ensolarado.	Úmido, ensolarado.	Seco, ensolarado.	Seco, ensolarado.

	Análise			Avaliação					Proposta
	Construtiva estrutural		Estado de conservação	Testes realizados	Principais causas	Origem	Natureza	Agentes	Identificação de possíveis soluções
	Materiais	Tecnologias	Danos						
Piso	Assoalho madeira.	Encaixe e fixação das peças.	Dépósito superficial. 5% de peças com danos ou faltantes.	Teste visual.	Residência com pouco ou quase nenhum uso há praticamente 3 anos.	Falta de manutençã o.	Alteração física da estrutura.	Antrópico.	Limpeza do depósito superficial com absorventes (material biológico) e instalação de peças similares onde houver elementos mancantes, destacando a intervenção.
Forro	Lambri de madeira pintada de branco.	Grelha de madeira com lambri fixado.	Perda de elemento, deformação, depósito superficial e colonização biológica.	Teste visual.	Residência com pouco ou quase nenhum uso há praticamente 3 anos.	Falta de manutençã o.	Alteração física e biológica da estrutura.	Biológico	Aplicação de biocidas (azoto-organicos, triazine diluido em agua), combinado com ação mecânica manual de espátula e aplicação de película protetora em toda a superfície, remoção das peças com deformação e instalação de peças similares, destacando a intervenção.
Coberta	Telhas cerâmicas.	Coberta em caibro corrido.	Dépósito superficial e elementos faltantes.	Teste visual.	Residência com pouco ou quase nenhum uso há praticamente 3 anos.	Falta de manutençã o.	Alteração física da estrutura.	Antrópico.	Limpeza do depósito superficial com absorventes (material biológico) e troca das telhas danificadas por peças similares.
Madeiramento	Troncos de carnaúba.	Coberta em caibro corrido.	Dépósito superficial e colonização biológica.	Teste visual.	Residência com pouco ou quase nenhum uso há praticamente 3 anos.	Falta de manutençã o.	Alteração física e biológica da estrutura.	Biológico.	Limpeza do depósito superficial com absorventes (material biológico) e instalação de peças similares, substituindo as peças mancantes ou comprometidas, destacando a intervenção.

BIBLIOGRAFIA:

TESES:

- LOPES, Francisco Clébio Rodrigues. **Parangaba: centralidade e urbanização fragmentada em Fortaleza**. 2006. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- OLIVEIRA, Elayne Cristina Rocha de. **Casa da Cultura Parque Porangaba: memória, patrimônio e cidadania**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/68239?locale=es>,
- COSTA, Mariana Machado. **Centro Cultural ELO**. 2018. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/MN%20Corporativo/Downloads/2018_tcc_mmcosta.pdf.
- BRASIL. O IPHAN e **os desafios da preservação do patrimônio cultural no Brasil**. [s.l.]: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/iphane>. Acesso em: 14 dez. 2025.

VÍDEOS / MÍDIA DIGITAL

- HUNTY, Rita Von. **A importância da arte na formação crítica**. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FXGqW-ZvL64>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- HUNTY, Rita Von. **Aula pública sobre arte e política**. 2022. [Vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/@TemperoDrag>. Acesso em: 10 jun. 2025.

LEGISLAÇÃO

BRASIL. Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 138, n. 132, p. 1-4, 11 jul. 2001. Disponível em: [LEGISLAÇÃO](#). Acesso em: 10 jun. 2025.

LIVROS E ARTIGOS

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 1991. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/395769741/BARBOSA-Ana-Mae-A-Imagem-No-Ensino-Da-Arte>. Acesso em 18 out. 2025.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Trad. Pedro de Souza. São Paulo: UNESP, 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/554251567/Choay-Francoise-a-Alegoria-Do-Patrimonio>. Acesso em 25 out. 2025
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. Disponível em: https://leiaarqueologia.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf. Acesso em : 10 nov. 2025
- LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977. Disponível em: <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/17896>. Acesso em: 17. nov 2025.
- SILVA, José Borzacchiello da. *Parangaba*. Coleção Pajeú. Fortaleza: Edições UFC, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/452399114/Colecao-Pajeu-Parangaba>. Acesso em: 27 nov. 2025.
- ZANIN, Vilma. *Arte e educação: caminhos da sensibilidade e da criação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- ARIAS, Miguel. *Arquitectura inclusiva y su utilización como instrumento socializador en educación*. [s.l.]: Disponível em : https://revistas.uam.es/tarbiya/article/view/tarbiya2018.46.03/pdf_11. Acesso em 27 nov. 2025
- RAEDÓ, Jorge; ATRIO, Santiago. *Educación y arquitectura para la justicia social*. Revista Internacional de Educación para la Justicia Social. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/104392513/7939-libre.pdf?1689831877=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DEditorial_Educacion_y_arquitectura_para.pdf&Expires=1768910898&Signature=CAFG2jjUDoJgixdUuzUYWOOD8XpAJ8N0-8s09t3x-2Xp~LCZ6B~BWG6rsVRMGpneQ7hIM6vLs6FV0APJbYob9ONbVN3FA9y97x9B7wDi5ZbQ5ovx6qeSWdDrc~DVRrQL3lwxZbU3A2erUPSmxDdVQDDdr1cG~8asOeMtt8tTvOy8F6empF1MT21NLquQ2es2tPE80h5AjmrKMnUsM~AEpvxv3Rct2vwcvH88EB2GHqVZwt-mkGnzlimPqA9HT6VOc6A1SyBnx2cwXR3kL4G2uhOhCZDQzwxYIOOpcy4VfS9Rn2n8qj3kysPZr4kqiZV2MQnLzfBfNkhU1-dBjB~QA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 27 nov. 2025.